

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA, TURISMO E HUMANIDADES
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Leonardo Duarte Barbosa Lima

**Identidade e (im)permanências paisageiras: Marcas-matrizes no bairro rural do
Pombal (Pilar do Sul-SP)**

Trabalho de Conclusão de Curso

Sorocaba
2021

Leonardo Duarte Barbosa Lima

Identidade e (im)permanências paisageiras: Marcas-matrizes no bairro rural do Pombal (Pilar do Sul-SP)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Neusa de Fátima Mariano

Sorocaba
2021

Lima, Leonardo Duarte Barbosa

Identidade e (im)permanências paisageiras: Marcas-matrizes no bairro rural do Pombal (Pilar do Sul-SP) / Leonardo Duarte Barbosa Lima -- 2021.
82f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,
campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Neusa de Fátima Mariano

Banca Examinadora: Márcio Fernando Gomes,
Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro

Bibliografia

1. Paisagem. 2. Marcas-matrizes. 3. Bairro rural. I. Lima,
Leonardo Duarte Barbosa. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979

Leonardo Duarte Barbosa Lima

Identidade e (im)permanências paisageiras: Marcas-Matrizes no bairro rural do Pombal (Pilar do Sul-SP)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba, como requisito à obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Neusa de Fátima Mariano

Aprovado em: __/__/____

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof^a. Dr^a. Neusa de Fátima Mariano

Universidade Federal de São Carlos

Prof. Dr. Márcio Fernando Gomes

Universidade Federal de São Carlos

Prof^a. Dr^a. Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro

Universidade Estadual Paulista

Ao Criador.

Aos meus pais, Regivania e Carlos,

imagens dEle, de alguma forma.

À J.M., J.G. e J.G.,

A voz, a ideia e o abraço.

Agradecimentos

A graduação fica hoje de mim em um olhar já distante, em afastamento imposto pela pandemia já há dois anos desse então momento. É, por isso, um olhar mais saudoso para com esses tempos passados; mas ainda nem enganosamente menos suado. Os anos foram por várias vezes custosos, e não é que eu não os sinta. Mas estiveram sempre envoltos por pessoas queridas. Essa lista é de quase todos a quem, por mais que escreva, ainda vou estar devendo em saudares.

À minha mãe, minha base, pelo esforço para que eu quisesse ser tudo o que posso, tão como pelo esforço para que eu pudesse ser muito mais do que eu conseguiria, e por ser o alicerce menor, debaixo de tudo, que nunca deixou de ser. A meu pai, pelas referências de gentileza e bondade deixadas no meu caminho. Pelo amor à música e ao nosso Palmeiras. Aos dois que sabem, mais do que eu, que nem consigo dizer. Por serem a coisa mais importante.

À minha família, que esteve por trás de diversos momentos dessa graduação, em tantos níveis diferentes. À minha irmã Caroline, minhas tias Vera e Niceia, minha avó Maria. Agradeço pelo apoio que tive sempre que precisei, pelo amor, pelo incentivo diário e pelas pequenas coisas que a cada dia foram imensas para mim.

À minha orientadora, professora Neusa de Fátima Mariano, especialmente pela atenção sempre muito gentil e pela paciência, de todos os momentos, para com esse trabalho nos últimos dois anos. A constante confiança, o apoio e a liberdade fizeram toda a diferença.

Aos demais professores do curso de Licenciatura em Geografia da UFSCar, *campus* Sorocaba, por todo o conhecimento e dedicação, e pela convivência diária que já deixa saudades. Vocês são parte.

Aos eternos desbravadores Matheus e Larissa, por terem trazido à nossa transição universitária todo aquele acolhimento. À minha grande amiga e também desbravadora Terena, por todos os momentos da nossa amizade, por participar de todos os momentos da minha relação com nosso *campus*, e das idas e vindas emocionais. Em breve nos encontraremos todos, em algum banquinho do mundo.

Ao grande amigo Gilson Venturelli, pelas badaladas noturnas do violão e da caixinha, pela parceria eterna que se firmou nos contos e cantos de amores e desamores, na ponta do dedo e na alta do gogó. Vem em breve nossa reunião, e dessa vez, pr'um samba!

Aos binbins Geovani e Igor, parceiros máximos de todos os dias, dentro e fora da universidade, por serem os ouvidos das piores piadas e dos piores lamentos nos últimos anos; mas também pelas genialidades respectivas de cada um. Agradeço por todas as experiências compartilhadas, e por serem, cada um, um pouco como eu. Sem a menor dúvida podem contar comigo para qualquer coisa. À Jubi.

À Gustavo Mesquita, também binbin e o irmão de maior data, pela simbiose do

ensino básico ao superior, entre filmes, músicas, bandas, bancos de ônibus e o verdão. Por todos esses anos de convivência diária. É família. Um forte abraço, torço por você, amanhã.

À todos os colegas de tantos cursos que se fizeram pelos anos, meu saudar. E meu saudoso para tantos desses.

Aos moradores do bairro rural do Pombal, que colaboraram ou não com esta pesquisa, por viverem em um tempo tão singular. Agradecimento especial à Dona Ana e seu marido, Airton, à Dona Maria, à Dona Trindade e sua mãe, e ao senhor Deodato, que gentilmente acolheram nossa proposta e nossas visitas, por mais de uma vez, sempre de forma receptiva e dedicada, com longos diálogos, cafés e grande presteza. Também aos amigos Marcos Fábio, Cidinha e Luciana, que gentilmente intermediaram os primeiros acessos ao bairro e ajudaram com informações.

Aos funcionários do *campus* Sorocaba da UFSCar, aos funcionários do transporte universitário e urbano dos municípios de Pilar do Sul e Sorocaba.

À música de João Gilberto, Debussy, Joni, Evans, Bley, Meredith Monk, Dylan, Caymmi, Gatica, Wilson, Jarrett, Parker, Stravinsky, Martyn, Prince, Guinga, Corea, Bosco, Harrison, Horta, Wonder, Holter, Santos, Milton, Scriabin, Schumann, Kanye, Chico, Caetano e Gil. Aos filmes de Ford e Sganzerla.

À todos que foram e vieram, por fim; essa é uma lista incompleta. Foi um longo caminho, e ainda é.

“Ainda não foi descoberto que a natureza é mais uma profundidade do que uma superfície. (...) Podemos modificar, decorar e vestir a superfície, mas não podemos tocar suas profundezas sem tocar a verdade”. - Paul Cézanne^a

^a *It hasn't yet been discovered that nature is more a depth than a surface. (...) we can modify, ornament, or dress up a surface, but we cannot touch up depth without touching up truth.* (BERNARD, 1995, p. 115). Tradução própria.

Resumo

LIMA, Leonardo Duarte Barbosa. **Identidade e (im)permanências paisageiras**: Marcas-Matrizes no bairro do Pombal Marcas-matrizes no bairro rural do Pombal (Pilar do Sul-SP). Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia – Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba, Sorocaba, 2021.

A sociedade ocidental contemporânea enfrenta as consequências de uma perda generalizada do que tem sido chamado *sentido profundo da paisagem*: uma relação íntima entre sociedade e meio que caracterizava as civilizações antes da Modernidade. Esse problema é, em parte, herança de um já longínquo afastamento entre humanidade e fenômeno, modelo historicamente suportado pelas Ciências tradicionais. Entretanto, ainda podemos observar a permanência de traços desse tipo de relação com o meio em espaços herdeiros de culturas tradicionais, como os *bairros rurais*: tipo de organização dos espaços rurais típico do sudeste brasileiro, que tem como principais características o sentimento de pertença e as relações de vizinhança. O presente estudo, estabelecido em um bairro rural paulista – o bairro do Pombal, no município de Pilar do Sul –, tem como busca compreender como as matrizes do pensamento de um bairro rural levam às permanências de um sentido profundo da paisagem; tal como essa relação com a paisagem se estabelecesse como parte da identidade que fundamenta os bairros rurais ainda hoje, mesmo em meio às transformações urbanas da modernidade. Para tal, utilizamos do conceito de Paisagem Marca-Matriz e das noções de Pensamento *Paysagère* e Pensamento da Paisagem, desenvolvidos pelo geógrafo Augustin Berque, tentando exprimir como estes se manifestam em nossa área de estudo através de uma abordagem fenomenológica, deixando com que se evidenciassem por si só através de metodologias que exploram a perspectiva dos *de dentro*: entrevistas semiestruturadas e conversas com os moradores; além da própria vivência do cotidiano do bairro em trabalhos de campo intensificados. Dessa forma, buscaremos revelar as paisagens do bairro rural do Pombal, em sua identidade e suas (im)permanências.

Palavras-chave: marca-matriz; bairro rural; paisagem.

Abstract

LIMA, Leonardo Duarte Barbosa. **Identity and landscaping (im)permanences: Imprint-Matrix Landscapes in the *bairro rural* of Pombal (Pilar do Sul-SP).** Undergraduate Thesis presented to the Licentiate in Geography Degree – Federal University of São Carlos, Sorocaba *campus*, Sorocaba, 2021.

Contemporary Western society faces the consequences of a generalized loss of what is being called the *profound sense of the landscape*: an intimate relationship between society and the environment, that characterized pre-Modern civilizations. This problem is, in part, a legacy of an already ancient distancing between humanity and phenomenon: a pattern historically supported by traditional Sciences. However, we can still perceive the permanence of traces of this particular relationship with the environment in spaces inherited from traditional cultures, such as the *bairros rurais* (rural districts): typical type of organization on rural spaces of the Brazilian Southeast, whose main characteristics are the feeling of belonging and the neighborhood relations. This research, established in a *bairro rural* in *São Paulo* – the district of *Pombal*, in the municipality of Pilar do Sul –, aims to understand how the matrices of thought in a *bairro rural* lead to the permanence of a deep sense of the landscape; as well as this relationship with the landscape was established as part of the identity that underlies the *bairros rurais* today, even amidst the urban transformations of modernity. For so, we used the concept of Imprint-Matrix Landscapes and the notions of Landscaping Thought and Landscape Thinking, both developed by geographer Augustin Berque, trying to express how these manifest themselves in our area of study through a phenomenological approach, letting them stand out for themselves through methodologies that explore the perspective of those *from the inside*: semi-structured interviews and conversations with residents; in addition to the daily experience of the neighborhood with intensified fieldwork. In this way, we will to reveal the landscapes of the *bairro rural do Pombal*, in its identity and its (im)permanences.

Key-words: imprint-matrix; rural districts; landscape.

Lista de ilustrações

Figura 1 – Visão absorta de uma porteira no bairro do Pombal	21
Figura 2 – “A Arte da Pintura”, de Johannes Vermeer (1666)	25
Figura 3 – “Caminhante Sobre o Mar de Névoa”, de Caspar David Friedrich (1818)	27
Figura 4 – Caminhos eucaliptanos na estrada rural	38
Figura 5 – Localização do município de Pilar do Sul no estado de São Paulo	47
Figura 6 – Inserção do bairro rural do Pombal no município de Pilar do Sul	47
Figura 7 – Áreas urbanas e rurais do município de Pilar do Sul	53
Figura 8 – Placa de direcionamento para a Ilha do Pombal	55
Figura 9 – O ar entorpecido das estradas do Pombal	57
Figura 10 – Mercado Pombal, a mercearia do bairro	66
Figura 11 – Placa indicativa da Chácara Ana do Queijo	67
Figura 12 – Vista externa da antiga escola do bairro	69
Figura 13 – Interior da antiga escola do bairro	70
Figura 14 – Capela ao Bom Senhor do Bom Fim	72
Figura 15 – Posto de Atendimento Médico “Aline Fernanda de Campos”	74
Figura 16 – Comunidade Terapêutica para Recuperação de Dependentes Químicos e Reintegração ao Meio Social (grupo AMA)	75

Sumário

	Introdução	12
1	Paisagem: um percurso conceitual	21
1.1	Os nascimentos da paisagem: no Ocidente	22
1.2	Os nascimentos da paisagem: no Oriente	28
1.3	Paisagem: marcas-matrizes	33
2	Bairro rural: um percurso conceitual	38
2.1	A formação de um município: terras e marcas	46
3	As paisagens do bairro rural do Pombal: uma travessia	57
3.1	As marcas-matrizes do bairro rural do Pombal	59
4	Considerações finais: Identidade e (im)permanências paisageiras .	77
	Referências Bibliográficas	79

Introdução

[...] hallarás mi querencia. El lugar que yo quise. Donde los sueños me enflaquecieron. [...] Lleno de árboles y de hojas, como una alcancía donde hemos guardado nuestros recuerdos. Sentirás que allí uno quisiera vivir para la eternidad. El amanecer; la mañana; el melodía y la noche, siempre los mismos; pero con la diferencia del aire.
- Juan Rulfo (Pedro Páramo, 1955).



(Fonte: LIMA, L.D.B., 2021).

O presente trabalho teve sua concepção em um momento de descobertas simultâneas e convergência de interesses acadêmicos, artísticos e conceituais durante a graduação. Em meio a leitura dos livros *Os Parceiros do Rio Bonito*, de Antônio Candido, e *O Homem e a Terra*, de Éric Dardel – ambas obras canônicas em seus determinados contextos – alguns diálogos passaram a se evidenciar, especialmente, através de temas que inferiam as relações da sociedade com o ambiente.

O principal tema a estimular essa intertextualidade se articulou a partir do conceito de paisagem de Dardel, que a interpreta como uma ligação direta do homem com o mundo, e não meramente um objeto de contemplação. A primeira reflexão que instigou esse estudo sai desse ponto: essa forma de se relacionar com a paisagem, mais direta, essencial, de certo modo, não parecia uma característica das sociedades ocidentais atuais. Nossa relação com a paisagem é, hoje, visual e descritiva; calculada.

O interesse por essa questão foi reforçado por influências artísticas, tais como, principalmente, a obra do pintor francês Paul Cézanne, citado na Epígrafe, que já refletia sobre as modificações na relação com o meio ainda no século XIX, e tentava resgatar uma

ligação direta e essencial entre sociedade e natureza através de seus quadros. Por conta disso, um ensaio bastante revisitado durante essa pesquisa foi *A Dúvida de Cézanne*, de Merleau-Ponty (1980), em que essa sua abordagem é dissecada, intercalando reflexões filosóficas e registros de cartas do pintor a amigos. A obra de João Guimarães Rosa, talvez a grande companheira literária de todo o percurso da graduação, também foi determinante para a escolha do tema. Outras influências artísticas que podem ser citadas nesse processo de aprofundamento e sensibilização com nossa questão, são os filmes dos parceiros cineastas franceses Jean-Marie Straub e Danièle Huillet, e, ainda, os poemas do escritor alemão Friedrich Hölderlin.

Contudo, a grande guinada para esta pesquisa esteve no livro *Os Parceiros do Rio Bonito*, e no fato de que a obra de Candido analisava especificamente civilizações tradicionais que preservavam costumes e valores, conservando uma relação essencial com suas paisagens rurais, mesmo em meio às transformações urbanas pelas quais o país passava naquele momento.

O questionamento central que surge, a partir do encontro entre esses conhecimentos, se deu acerca da possibilidade daquela configuração espacial analisada por Candido, a do *bairro rural*, ter como característica ainda hoje a preservação dos seus aspectos identitários mais determinantes e tradicionais, dentre os quais estariam sensibilidades paisagísticas específicas: formas de se relacionar com o meio que têm se esvaído nos últimos séculos, em um processo acelerado de transformações que tem afetado diretamente o ambiente, por se desenvolverem sem um sentido profundo da paisagem, se aproveitando do meio de forma agressiva e unilateral, por ser uma relação apenas benéfica ao homem.

A humanidade contemporânea contempla um movimento de degeneração ambiental generalizada pelo mundo; movimento que é, em parte, herança de um já longínquo afastamento entre humanidade e fenômeno – modelo suportado pelas Ciências tradicionais desde a Modernidade. Dardel (2011, p. 96) aponta que “um dos dramas do mundo contemporâneo é que a Terra foi “desnaturada”, e o homem só pode vê-la através de suas medidas e de seus cálculos, em lugar de deixar-se decifrar sua escrita sóbria e vívida”. Passa-se, cada vez com maior urgência, a buscar formas de tentar reestabelecer às sociedades uma relação com seu meio.

É diante dessa inquietude incessante que se tem suscitado o debate geográfico contemporâneo sobre a paisagem, categoria de análise geográfica a qual tem sido destacada por alguns como capaz de exprimir e resgatar o que há de essencial na relação homem-meio. Afinal, alguns autores como Berque (2008, p. 72) consideram justamente “a perda do sentido profundo da paisagem”, uma relação íntima entre sociedade e meio que caracterizava as civilizações até ter sido perdida pela Modernidade, como uma das causas principais para a atual crise.

A presente pesquisa, de certo modo, também passa por essa preocupação, sendo um estudo que busca expor como alguns sentidos da paisagem são permanentes em

espaços como os *bairros rurais*, podendo ali ainda ser revelados traços de uma relação íntima e fundante entre o homem e a terra. Apoiando-se no conceito desenvolvido por Berque (1998), e que utilizaremos como abordagem deste trabalho: buscaremos desvelar as Marcas-Matrizes de uma paisagem. O desvelar de uma paisagem é a tentativa de aproximação entre ambos os entes; é o trajeto humano em busca da totalidade de seu ser, na procura por suas ligações existenciais com a terra ou, como dito por Dardel (2011, p. 45), de “sua geograficidade original: a Terra, como lugar, base e meio de sua realização”.

Essa análise terá, portanto, como campo de incursão um bairro rural paulista: o bairro do Pombal, localizado no município de Pilar do Sul, interior do estado de São Paulo. Através do desvelamento de suas paisagens marcas-matrizes, iremos identificar suas *permanências paisageiras*, que dão unidade a esse espaço, sendo que apesar de conectado com o moderno, de certa forma, ainda conserva um sentido profundo da paisagem.

A abordagem metodológica dessa pesquisa buscou por técnicas orais e textuais (WINCHESTER, 2005) que permitissem com que a paisagem do bairro do Pombal se manifestasse por si mesma; que caminhassem estando voltadas à busca das essências do objeto de estudo, que se desvelaria na vivência do campo, em coesão com as abordagens teóricas e conceituais do trabalho, que busca uma geografia experienciada por todos os sentidos. A metodologia do trabalho, em busca de constituir as paisagens Marcas-Matrizes do bairro, foi composta de duas fases principais: a fase de levantamento bibliográfico/documental (análise textual) e a dos trabalhos de campo (majoritariamente de base oral).

No levantamento bibliográfico, se utilizaram leituras relativas aos conceitos de Paisagem, Bairro Rural e documentos históricos da cidade de Pilar do Sul, que pudessem conter informações sobre o bairro analisado. Apesar do aprofundamento em autores influenciados pela fenomenologia – tais como Dardel e Berque – dada a abordagem do trabalho, buscou-se também se equipar de literaturas consideradas centrais para a constituição desses conceitos, em momento prévio.

Os trabalhos de campo se utilizaram de três principais técnicas: registros fotográficos, observações e entrevistas semiestruturadas. Os registros fotográficos serão dispostos ao longo do trabalho, quando se tratando de pontos específicos do bairro rural do Pombal. Enquanto no primeiro momento as observações se restringiram a um experienciar mais primitivo, que constitui um mapeamento pessoal do bairro percebido, a ser relatado, o segundo momento foi quando ocorreram entrevistas de método semiestruturado, configuradas de forma fluida e próximas do não estruturado com moradores do bairro, embora propositadas ao objetivo da investigação. A escolha por esse método esteve na busca por tentar compreender a partir da subjetividade dos indivíduos, de uma comunidade, as paisagens marcas-matrizes do bairro.

Os campos tiveram uma importância particular para nosso trabalho, sendo que sua estrutura acabou sendo modificada durante as investigações. Em nosso planejamento inicial, e estrutura que tínhamos para os trabalhos de campo seria a seguinte:

- *o momento inicial, de cunho exploratório, no qual se dará prioridade às intencionalidades mais primárias do contato com o bairro, apenas com o objetivo de senti-lo, conhecer sua fisionomia e destacar seus elementos mais estridentes;*
- *o seguinte, de objetivo documental, é quando se inicia a investigação mais concreta, transitando entre o material e o imaterial, pelas memórias do bairro, expressas por aqueles que o vivem, através dos símbolos que trazem a este sua unidade. Conhecer os espaços e suas figuras centrais, para entender a relação do bairro com sua paisagem;*
- *no momento final, a premissa é a imersão no cotidiano do bairro; se possível, participando de suas atividades e festividades, criando laços com seus habitantes e espaços, para que o desvelamento da paisagem, enfim, ocorra a partir de sua própria realidade.*

Dessa forma, iniciamos as atividades ainda no fim do ano de 2019, com os campos de cunho exploratório. Foi nesse momento que registramos as primeiras fotografias do bairro, traçando uma impressão inicial das marcas-matrizes que mais se implicavam à visão de um externo. O planejamento inicial traçava essa etapa para a extensão da primeira metade do ano seguinte. Contudo, o desenvolvimento da pesquisa foi impactado pelo momento inicial da pandemia de Covid-19, no ano de 2020. A partir do momento em que se aplicaram as primeiras medidas restritivas de atividades presenciais em nossa área de estudo (março de 2020), em prevenção ao contágio da doença, também suspendemos as atividades que exigiam trabalho de campo. Essa interrupção se estendeu até meados do ano de 2021, quando as medidas sanitárias se flexibilizaram no município de Pilar do Sul, e notamos também o aumento das condições receptivas no bairro do Pombal. Apesar de ter havido a possibilidade de partirmos para uma adaptação do trabalho — mais restrita ao levantamento bibliográfico e documental, além de poucas visitas à campo para observação, em cumprimento das medidas de distanciamento —, percebemos que isso implicaria em uma redução epistemológica, conseqüentemente, avançando para uma direção objetiva e descritiva das paisagens marcas-matrizes do bairro rural do Pombal; esse, contudo, nunca foi o objetivo desta pesquisa, motivo pelo qual optamos por aguardar pelo primeiro momento em que tivéssemos condições mínimas para a realização de nossa perspectiva. Esse momento se iniciou a partir de junho de 2021, com a retomada das etapas iniciais dos trabalhos de campo.

Finalizados os trabalhos de campo, percebemos uma divisão diferente da inicial, até por conta das condições sanitárias, pois, apesar da maior possibilidade de aproximações pelas medidas institucionais, ainda não estavam normalizadas. Após o momento de retorno, ainda com a mentalidade exploratória, nós voltamos a efetuar registros fotográficos e a observação morfológica do bairro, criando um mapa mental do que imaginávamos ser sua

extensão, a partir de uma determinada unidade fisionômica entre os espaços. Foi nessa etapa que tentamos fazer levantamentos para compreender a estrutura do bairro, percebendo o uso e ocupação do solo; tipos de culturas predominantes; sistemas de trabalho; fisionomia, tipo e organização das propriedades (de uso residencial e/ou produtivo); ambientes comerciais e infraestrutura. Esse levantamento não foi feito com intuito estritamente científico, mas muito mais no interesse de começar a apreender as referências do bairro, compreendendo seus aspectos principais para podermos os identificar mais tarde nas falas dos moradores.

Percebemos assim uma estrutura de nosso ponto de vista inicial, em que o bairro teria seus núcleos centrais: local em que se encontra a capela, a mercearia, a igreja de matriz pentecostal Congregação Cristã do Brasil, o Posto de Atendimento Médico, a Comunidade Terapêutica do Grupo AMA e um bar. Nesse núcleo principal do bairro, que se localiza em área próxima também de seu centro, encontramos as residências próximas à via, e em uma maior densidade do que vista em outras áreas. Percebeu-se também duas principais atividades laborais: atividades relativas à agricultura (especialmente comercial, em espaços agrários altamente produtivos ao entorno da pista principal); e de serviços (comércios e atendimento público como no posto de saúde). Nos núcleos periféricos, encontramos ainda outro tipo de atividade laboral relevante do bairro do Pombal: as fábricas (serrarias e madeiras, sobretudo, pois existem duas na área do bairro — embora, à princípio, termos registrado três, sendo a terceira pertencente, na realidade, ao bairro limítrofe do Claro); além, também, da atividade agrícola (plantações de uva e tomate, em especial), e pecuária (produção leiteira de bubalinos).

Nesse espaço periférico, encontramos propriedades com maior espaçamento entre si, mesmo por conta da característica produtiva desta região do bairro, que exige maiores hectares para suas estruturas agropecuárias, além do uso propriamente residencial. Detectamos em momento final dos trabalhos de campo também a presença de uma área de florestamento privada, com extensa concentração de eucaliptos, próxima aos limites do bairro com o bairro da Ponte Alta. Essa área restrita é pertencente à empresa transnacional Suzano Papel e Celulose S.A., como consta mesmo em placas de aviso que a empresa implantou nessa área.

Em sequência, por conta das próprias limitações supracitadas, reduzimos as dinâmicas, dando início a uma alternância entre o documental e o vivido, sendo que iniciamos as entrevistas semi-estruturadas com os habitantes do bairro, ao mesmo tempo em que desenvolvíamos os conceitos em que embasavam nossa prática em texto, após estudados. As entrevistas semi-estruturadas foram parte fundamental de nosso trabalho, sendo a maior parte delas registradas formalmente, enquanto as outras serão citadas apenas de forma indireta, por não terem seguido roteiros, de forma com que elas, em específico, trafegaram por caminhos muito mais próximos do não-estruturado — em caminhos de conversas — do que propriamente um questionário de interrogações. Foram realizadas entrevistas registradas

com mais de dez pessoas, não contabilizando entre elas as que possibilitaram conversas informais e não registradas em todas as visitas. Nossos campos iniciais tiveram início em dezembro de 2019, percorrendo dois meses até a altura em que houve intermitência, durando esta até junho de 2021, período em que reiniciamos os trabalhos. Após reinício, visitamos o bairro de forma mais intensificada por mais um período de dois meses, sendo que ainda fizemos visitas esporádicas até o final de setembro de 2021. Ao todo, foram quatro meses de visitas intensificadas (em que visitávamos o bairro mais de uma vez por semana), além de algumas visitas esporádicas, entre 2019 e 2021.

De acordo com Winchester (2005, p. 9), dentre os métodos orais qualitativos mais comuns da pesquisa em Geografia Humana, o método de entrevistas semiestruturadas estaria mais próximo de uma linha individualista do que da generalista, embora não no mesmo nível individualista que alcançam métodos biográficos, por exemplo. A escolha por esse método veio na busca por compreender a partir da subjetividade dos indivíduos, e da possível formação de uma comunidade, as paisagens marcas-matrizes do bairro. Como dito previamente, a percepção foi a de que unicamente o próprio bairro poderia se desvelar à pesquisa, e a principal forma que encontramos de permitir que se sentisse e ouvisse o bairro foi o ouvindo em seus próprios termos, com a menor implicação possível de estruturas científicas rígidas impostas sobre ele pelo pesquisador. Ouvir os de dentro, ou seja, os *estabelecidos* (ELIAS, 1994) é, segundo Marandola Jr. (2014, p. 109):

[...] a busca pelos significados tais como são vividos pelos de dentro, os estabelecidos [...]. O pesquisador, um de fora, procura ter acesso a essa experiência para poder então compreender o fenômeno em seu sentido ontológico.

Em uma estrutura rígida, os entrevistados não teriam a liberdade para divagar em seus pensamentos, encontrar a essencialidade em meio à vaguidade da fala cotidiana, e ficaria muito restrito ao campo já imposto pelo pesquisador, que é um *de fora*, ou seja, um elemento estranho ao bairro rural e às suas paisagens, fazendo com que as conclusões já estivessem condicionadas, no caso de nosso trabalho.

Não pudemos, ainda assim, aplicar as entrevistas de um modo ainda mais intimista — e assim, conseqüentemente, mais revelador — pelo pouco tempo que teríamos para desenvolver as etapas de imersão nas atividades do bairro, criando laços maiores com os moradores, à nível de convívio. Foram elaboradas diretrizes para direcionar os caminhos das conversas, que contavam com questões biográficas (história de vida; família; relação com o bairro; religiosidade; entre outros), de percepção da paisagem e organização do bairro e de aspectos históricos sobre ele. Fomos, entretanto, encaixando esses direcionamentos de forma fluida, durante o ritmo das conversas. Assim, ocorrendo da forma como foram, as entrevistas semi-estruturadas foram artifícios evidenciadores das marcas-matrizes presentes no bairro rural do Pombal.

Ao longo das entrevistas, falamos com o maior número possível de moradores, privilegiando os mais antigos e referenciados pela comunidade, mas também falando com moradores que se mostravam receptivos e dispostos, donos de comércio local, envolvidos

nas atividades do bairro, etc.. Apesar de termos privilegiado as entrevistas em um momento específico do trabalho, não cessamos as conversas com os moradores até o final do percurso, pois encontramos nas conversas informais uma forma de se integrar ao ambiente do bairro, o sentindo com maior profundidade. Somente nos propomos a tentativa de um afastamento no momento em que determinamos o fim dos trabalhos de campo. A partir dessa etapa final, durante as transcrições dos registros, foi que passamos a refletir sobre o percebido, sentido e aprendido no bairro rural do Pombal. Foi durante esse processo que se revelaram suas marcas-matrizes.

O primeiro capítulo deste trabalho, intitulado ***Paisagem: um percurso conceitual***, se debruçará sobre o conceito geográfico de paisagem, e algumas das suas mais importantes interpretações durante o curso da história e no pensamento geográfico, tomando como caminho a discussão sobre seus distintos surgimentos – o ocidental e o oriental – como ponte para a discussão sobre a abordagem de Augustin Berque, já que, em sua concepção, ela também se relaciona a esse problema.

Serão apresentados alguns conceitos chave de seu pensamento, tais como os de Paisagem Marca-Matriz; Pensamento da Paisagem e Pensamento Paisageiro (Paysagère); e a Trajetividade (Trajection); por serem também fundamentalmente utilizados ao longo desse trabalho. Outras referências basilares na abordagem da pesquisa também serão apresentadas, como as abordagens do conceito de paisagem trazidas por geógrafos de influência fenomenológica, como Dardel, Holzer e Tuan.

Como referido anteriormente, a escolha por delimitar a pesquisa à configuração espacial do Bairro Rural teve como uma das motivações a leitura feita da obra de Candido (2003). Na contramão da direção das transformações sociais trazidas pela modernidade, que reconfigura o espaço no entorno de avanços e rupturas da urbanização, o autor trouxe em sua colaboração a possibilidade das permanências do tradicional, de uma paisagem envolta por sua cultura enraizada, seus costumes e formas de vida antigos, em um convívio com o mesmo que Milton Santos também chamaria de *rugosidades*:

Chamemos de rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos. (SANTOS, 2012: 140).

Essas *permanências* se tornam mais relevantes ao falar de seu andamento atual, sobre sua reprodução no interior de um projeto de modernização capitalista em seus moldes já extremamente avançados, a um ponto em que quase ninguém mais escapa às suas estruturas. Naturalmente, alguns questionamentos foram surgindo na caminhada para esta pesquisa: seriam os bairros rurais ainda hoje reduto de um tipo de resistência cultural? O que sustentaria essa resistência? Seria uma espécie de ligação identitária com o espaço? E até que ponto as tecnologias que passaram a se integrar ao seu cotidiano afetam ou não na preservação dessa identidade? Interpretar as paisagens de um bairro rural, em suas marcas-matrizes, formas e intenções, foi a maneira assimilada pelo presente trabalho de

tentar investigar tais questões a partir de suas raízes. Portanto, duas implicações surgem do debate acerca do bairro rural: a identidade e as (im)permanências de um espaço e modo de vida que parecem se entrelaçar.

Dessa forma, o segundo capítulo, que se chama **Bairro rural: um percurso conceitual** irá trazer a discussão do conceito de Bairro Rural na perspectiva deste trabalho, caminho que perpassa por uma breve revisão de ideias de algumas obras centrais analisadas, mas que culmina na própria realidade física do campo de estudo. Falaremos em primeiro momento, sobre o aspecto conceitual, e em segundo momento (na subseção intitulada *A formação de um município: terras e marcas*), sobre o contexto de formação territorial de Pilar do Sul, município que envolve o bairro rural do Pombal, o objeto de estudo da presente investigação. O objetivo com isso é esclarecer como se organizaram os espaços urbanos e rurais do município, desde seus momentos iniciais, compreendendo com isso também a formação do Pombal.

Ainda sem ocultar a influência do geógrafo Eric Dardel e sua obra *Homem e a Terra* (2011) no desenvolvimento desta pesquisa, deve-se ressaltar que muito da escolha por localizar as reflexões acerca da paisagem em um recorte espacial, a ser explorado em campo, também se deve à sua proposta provocativa pela retomada do que ele chama de “uma geografia em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo, (...) conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência.” (DARDEL, 2011, p. 2). Há uma preocupação pela construção de um conhecimento geográfico fundamentado no mundo da vida (HUSSERL, 2012), na sensibilidade das experiências existenciais, nos entrelaces do corpo humano, seus símbolos e sentidos, com o meio, e os valores implicados neste, que pretende-se incorporar aqui, através, principalmente, das metodologias de pesquisa escolhidas.

No último capítulo do trabalho, intitulado **As paisagens do bairro rural do Pombal: uma travessia**, serão feitas as discussões e reflexões acerca das paisagens marcas-matrizes do bairro do Pombal. O objetivo é percorrer todo o caminho trilhado em campo, utilizando da experiência oferecida pelo bairro, registrando o apreendido a partir da vivência dos habitantes e suas relações percebidas durante todas as etapas. Partindo dessa perspectiva aproximada da vivência do Bairro Rural em todos os seus sentidos, busca-se refletir, entre as vozes reflexivas do autor do texto (o *de fora*) e as interlocuções dos habitantes do bairro rural (os *estabelecidos*) sobre a influência da paisagem, suas Marcas-Matrizes, sobre própria identidade do Bairro do Pombal, que permanece a se identificar como um bairro rural da cidade de Pilar do Sul/SP, mesmo em meio a tantas modificações que a modernidade trouxe na configuração deste e outros espaços. Após, finalizaremos com uma seção de reflexões sobre o trabalho, chamada **Identidade e (im)permanências paisageiras: considerações finais**, em que organizaremos as conclusões.

Para embasar as próximas discussões, vamos passar pelos trajetos que foram se formando ao longo da composição desta pesquisa, principalmente analisando e percorrendo

sobre os conceitos que serão fixados nas reflexões sobre os campos, mas também circun- dando brevemente por entre noções paralelas que sobre eles que já foram ou têm sido utilizadas em outros trabalhos, e também fortaleceram a compreensão das ideias presentes aqui. Partiremos, dessa forma, de um dos principais conceitos da Geografia, e que também encabeça nosso trabalho: a Paisagem.

1 Paisagem: um percurso conceitual

Figura 1 – Visão absorta de uma porteira no bairro do Pombal



(Fonte: LIMA, L.D.B., 2021)

A paisagem tem sido, desde a gênese da Geografia como ciência, um conceito basilar em todo o curso de sua história. Dentro ou fora da ciência geográfica, é atribuída e interpretada em diversas maneiras, quando tratada como conceito ou como noção, pelas diversas sociedades que a possuem hoje como um sentido da realidade.

Mas embora seu enraizamento na cultura ocidental possa sugerir a muitos que sua existência seja, de alguma forma, inerente à condição humana, a paisagem só passa a surgir em civilizações e momentos históricos muito específicos, e ainda nos dias de hoje, nem mesmo faz parte da realidade de algumas sociedades coabitantes da Terra – motivo pelo qual alguns autores, ao remontar sobre as origens da noção de paisagem, costumam tratar sobre as “invenções” (KERN, 2011) ou os “nascimentos” da paisagem (BERQUE, 2008), pois ela nem sempre existiu, ou ainda nem mesmo existe em todos os lugares. Iremos privilegiar o termo “nascimento”, no contexto deste trabalho, em detrimento de “invenção”, utilizado por diversos autores, por estar de acordo com a posição que Berque

(2013, p. 30) expressa:

Por que “o nascimento”, ao invés de “a invenção” da paisagem? Porque não me agrada essa terminologia construtivista que conduz à crença de que a paisagem seria puramente uma criação da contemplação humana. A paisagem não está na contemplação sobre o objeto: está na realidade das coisas; em outras palavras, na relação que temos com nosso ambiente.¹

Partindo da ideia de que a paisagem possui *nascimentos*, no entanto, naturalmente se impõem questões seguintes: quais foram esses nascimentos? E até ainda, como são determinados os nascimentos de uma paisagem?

Acerca desses questionamentos, Berque (2013, p. 31) irá esclarecer, trazendo seis critérios que distinguem uma civilização paisagística, das que não o são:

1. literatura oral ou escrita, admirando a beleza do local, o que inclui toponímia;
2. jardins ornamentais;
3. arquitetura projetada para apreciar belas vistas;
4. pinturas representando o ambiente;
5. uma ou mais palavras para dizer “paisagem”;
6. reflexões explícitas acerca “da paisagem”.²

Segundo o autor, apenas duas civilizações, na história da humanidade apresentaram o conjunto dessas características simultaneamente, ou seja, um *nascimento* da paisagem: primeiro a *China*, a partir do século IV; segundo, mil e duzentos anos depois, a *Europa* do século XVI (BERQUE, 2013), ambas em seguida influenciando muitas outras.

Embora ambos cumpram os seis critérios de Berque, no entanto, os dois nascimentos trouxeram noções de paisagem fundamentalmente distintas. As contradições entre elas dizem também muito sobre as diferenças na relação entre homem e meio ao longo dos séculos. Portanto, se mostra necessário para o contexto deste trabalho que tratemos, ainda que brevemente, sobre as particularidades do pensamento sobre a paisagem – tanto a nascida no Ocidente, quanto a do Oriente –, o que faremos a seguir, partindo do conceito de paisagem que está mais tradicionalmente conectado a nossa visão de mundo: o *europeu*.

1.1 Os nascimentos da paisagem: no Ocidente

“(.. .) as if nature had here swept up the rubbish of the Earth”
- John Evelyn (1620-1706)

O surgimento da paisagem no Ocidente é datado por diversos autores na espreita da modernidade, entre o relato da experiência do poeta italiano Francesco Petrarca, em escalada ao Monte Ventoux (1336) e, posteriormente, o Renascimento europeu. O marco do relato de Petrarca é representado pela descoberta poética da beleza da natureza e de um

¹ *Why the birth, rather than the invention of the landscape? Because I do not like this constructivist terminology that leads to the belief that the landscape would be a pure creation of the human gaze. The landscape is not in the gaze on the object: it is in the reality of things; in other words, in the relationship we have with our environment.* (BERQUE, 2013, p. 30). Tradução própria.

² *(1) written or oral literature praising the beauty of the site, which includes (1b) toponymy (in French, for instance, Bellevue, Mirabeau, Beloeil, etc.); (2) ornamental gardens; (3) architecture designed to enjoy beautiful views; (4) paintings representing the environment; (5) one or more words to say “landscape”; and (6) explicit reflections on “the landscape”.* (BERQUE, 2013, p. 31). Tradução própria.

prazer em contemplá-la; o que acabou significando uma transgressão da modernidade sobre a moralidade medieval, pois o poeta se coloca como observador da natureza, até então símbolo sacro da criação e do controle divino, por si só (BESSE, 2006) – um sentimento de emancipação do indivíduo, que agora se apropria de um mundo apreendido subjetivamente.

Autores como Milani (2019) também apontam a pintura *'Effetti del Buon Governo in campagna'*, de Ambrogio Lorenzetti (1338-1340), assim como alguns escritos de Dante pouco antes, como exemplos que ambientavam um *momento* em que se poderia perceber o início de uma consciência (*awareness*) da paisagem, no sentido moderno do termo. A quase simultaneidade desses registros é uma característica que une essas diversas obras como marco zero da paisagem no Ocidente, não qualquer delas isoladamente, mas todas como peças que compuseram aquela confluência, e tornaram o fenômeno observável. Milani (2019, p. 2) observa:

Na luz dessa nova consciência (*awareness*) da paisagem como uma troca entre o sujeito e o objeto natural, um método moderno de avaliação toma forma. Dito isso, a natureza se torna bela quando atinge arte. Ao invés, durante a Idade Média, a arte era bela quando era conforme a natureza, que era considerada uma manifestação do divino.³

O Renascimento europeu estabiliza, já adiante, essa nova forma de contemplação espacial quando surge, com a criação da pintura em cavalete e das técnicas de perspectiva e profundidade, a palavra *paisagem*, designando os cenários das narrativas artísticas (KERN, 2011, p. 2). Suas origens remontam ao poeta francês Jean Molinet, que teria em 1493, segundo Roger (1997 apud Alves, 2001), atribuído a expressão no sentido de um “quadro representando uma região”. Essa definição de quase exclusividade do termo às artes perdura ao menos até 1690, quando o dicionário de Futière traz à sua descrição algumas concepções mais ligadas ao seu caráter de expressão de um fato geográfico, que seriam, posteriormente, conservadas e exploradas pela Geografia pelos séculos seguintes: a paisagem como o “aspecto de uma região, o território que se estende até onde a vista pode abarcar” (ALVES, 2001, p. 67). Alguns autores ainda citam a importância das origens dos termos *landschaft* (alemão), e *landscape* (inglês) – enquanto o primeiro carregava uma ideia de “lugares comuns”, retratando a banalidade de locais como fazendas e campos, a transposição para o inglês já ia ao encontro com um tom de excepcionalidade, expressando certo valor estético (PÁDUA, 2013, p. 74).

Ao mesmo tempo que surgiam os termos que a expressariam, o desenvolvimento de escolas europeias de pintura que se utilizavam de aspectos do naturalismo abriam pelas portas artísticas um processo de laicização da paisagem (ALVES, 2001, p. 68); o que não deixa também de se referir ao caráter humanista desse momento inaugural da Modernidade, já que dentre os princípios do humanismo renascentista estava, segundo

³ “In the light of this new awareness of the landscape as an exchange between the subject and the natural object, a modern form of assessment takes shape. That is to say, nature becomes beautiful when it approaches art. Prior to the Middle Ages, instead, art was beautiful when it conformed to nature, which was considered to be a manifestation of the divine.” (MILANI, p. 2). Tradução própria.

leitura de Marandola Jr. (2010, p. 13) o “reconhecimento da naturalidade do homem, ou seja, do fato de que o homem é um ser natural. Assim, conhecer a natureza não é um pecado, mas uma necessidade e um dever”.

A paisagem que emerge do século XVII, evoluindo especialmente sob influência holandesa, implicava um recorte espacial de natureza geográfica apreendido no alcance de um olhar – que era a própria perspectiva renascentista –, em um tempo em que o descortinar do espaço à visão humana havia dessacralizado a Natureza, seu uso e apropriação; essa condição, portanto, passava a sugerir naquele momento às sociedades europeias uma tomada de controle do mundo – um esforço por poder agora controlar as técnicas e o conhecimento e direcioná-los ao descobrimento e à exploração do mundo e da natureza. O relato de todo esse processo passa a ser também tarefa artística – já, de certo modo, gerando agora à paisagem novas atribuições em relação às originais, disseminadas no renascentismo italiano.

Como aponta Kern (2011, p. 1), essa tomada de controle se apoiaria nos avanços da cartografia e outros campos científicos para a criação das cidades e, principalmente, as expansões territoriais, que viriam a partir das expedições marítimas e o eventual descobrimento de novos territórios, nos séculos seguintes. A arte possuiu um papel privilegiado, evidenciando a nova direção nas obras de alguns dos principais artistas europeus daquele novo contexto, passando frequentemente a retratar em sua forma a instrumentalização da abertura de olhos para a totalidade do mundo que o conhecimento humano permitia (ALPERS, 1999, p. 18). Vemos isso, por exemplo, na representação de elementos cartográficos ou instrumentos astronômicos de inúmeras obras do século XVII, citando aqui pinturas como as *Vanitas Still Life* (1662) de Edward Collier, que nos aponta para um globo terrestre; *A Arte da Pintura* (1666), de Johannes Vermeer, que nos direciona a um imenso mapa representado ao fundo dos personagens – segundo Alpers (1999, p. 120) “os holandeses foram os primeiros que produziram seriamente mapas como decoração de parede – sendo isso apenas uma parte da ampla produção, disseminação e do uso de mapas pela sociedade”⁴; e o poema *Daghtwerck* (1638), de Constantijn Huygens, que traz o olhar humano, a partir das novas tecnologias (telescópios, microscópios, o próprio estudo da ótica), como agora capaz de enxergar um mundo invisível que antes não era possível (ALPERS, 1999, p.16). A própria arte passa, a partir da influência holandesa setecentista, a se aproximar do cientificismo crescente, com grande precisão na descrição física dos espaços (quadros como a *Vista de Delft* (1661), de Veermer); e a própria paisagem se configura geométrica e cartograficamente, nesse momento (ALPERS, 1999, p. 126).

⁴ “the Dutch were the first who seriously produced maps as wall-hangings—this being only a part of the wide production, dissemination, and use of maps throughout the society.” (ALPERS, 1999, p. 120)

Figura 2 – “A Arte da Pintura”, de Johannes Vermeer (1666)



(Fonte: VERMEER, J.,1666).

Os avanços científicos e a virada moral que caracterizavam naquele momento a sociedade ocidental pós-revolução copernicana eram sintetizados a partir de uma nova abordagem sobre a noção de “natureza” – que se estabeleceu então como um fenômeno a ser objetivado pela ciência e manipulado pela técnica (BERQUE, 2000, p. 70) – e, sendo ela objetivada, se tornou um objeto máximo da física moderna setecentista, a que Berque (2013) chama de paradigma ocidental moderno clássico (POMC)⁵, tendo sido desenvolvido por Bacon, Galileu, Descartes, entre outros. Berque (2013, p. 51) define:

Fundamentalmente, em seu próprio princípio, o paradigma ocidental moderno clássico (POMC) somente reconhece um objeto universal (um objeto que existe em si, sem nenhuma conexão com nossa própria existência), que é geométrico, mecânico, puramente quantitativo e portanto totalmente neutro: em resumo, o perfeito oposto de uma paisagem.⁶

⁵ *Classic modern Western paradigm.* (BERQUE, 2013).

⁶ “Fundamentally, in its very principle, the CMWP only acknowledges an objectal universal (an object that exists in itself, without any link to our own existence), that is geometrical, mechanical, purely quantitative and thus totally neutral: in short, the perfect opposite of a landscape.”. (BERQUE, 2013, p. 51). Tradução própria.

O advento da Revolução Industrial veio a reforçar esse novo momento da relação do homem com o meio, em especial refletindo sobre as grandes transformações e recorrentes intervenções humanas que se viram na paisagem a partir de então. O Romantismo surge também nesse contexto científico e industrial, expandindo o gênero artístico paisagístico ao longo dos séculos XVII e XVIII, principalmente a partir de noções relativas ao surgimento da Estética e evolução das ciências naturais, que influenciam as produções da época fazendo com que o belo e a natureza se integrassem definitivamente nas artes (KERN, 2011, p. 4). A contemplação da beleza natural e das paisagens viria com uma carga de sublime e de espanto sobre a dimensão universal que se tomava conta naquele momento, após as descobertas dos “novos mundos” nas grandes navegações. Essa meditação solitária sobre o Universo a partir da paisagem está presente em obras românticas como as do alemão Casper David Friedrich; mais notoriamente, em seu *Caminhante sobre o mar de névoa* (1818), sobre o qual Berque (2005, p. 83) comenta:

Pintado em 1818, “Caminhante (der Wanderer) sobre o mar de névoa”, de Caspar David Friedrich (agora no Kunsthalle de Hamburgo), é considerado uma figura emblemática da relação dos românticos com a natureza. Ele medita, sozinho em face do infinito, todos os assuntos mundanos levados de volta para baixo das nuvens. Não há dúvida de que este personagem expressa um anseio pela verdade do Universo; aspiração suficientemente universal, precisamente, para que nela nos projetemos, sozinhos por nossa vez diante da natureza. Este é um motivo que vai além do romantismo e até da modernidade europeia; parece inscrito na paisagem, na medida em que o vemos como tal.⁷

⁷ “Peint en 1818, *Le Voyageur (der Wanderer) au-dessus de la mer de nuages, de Caspar David Friedrich (aujourd’hui à la Kunsthalle de Hambourg), passe pour une figure emblématique du rapport des Romantiques à la nature. Il médite, seul face à l’infini, toutes affaires mondaines refoulées au-dessous des nuages. Nul doute que ce personnage exprime une aspiration à la vérité de l’Univers ; une aspiration suffisamment universelle, justement, pour que nous nous projetions en lui, seuls à notre tour devant la nature. C’est là un motif qui dépasse le romantisme, et même la modernité européenne ; il semble inscrit dans le paysage, pour autant qu’on regarde celui-ci comme tel.*” (BERQUE, 2005, p. 83). Tradução própria.

Figura 3 – “Caminhante Sobre o Mar de Névoa”, de Caspar David Friedrich (1818)

(Fonte: FRIEDRICH, C.D., 1818.)

Todavia, mesmo na eventualidade do apreço fisionômico que contemplou a natureza durante esse período – que também encaminhou experimentações estéticas e das novas técnicas da arte europeia de então, como no aperfeiçoamento da câmara escura, o interesse pela pintura *plein air*, em especial entre os impressionistas, os panoramas, etc. (KERN, 2011) – o processo de mecanização da vida moderna, o surgimento das cidades, e a nova relação com o meio ambiente que envolvia, além do afastamento físico devido ao êxodo rural, também sua consequente destruição, para dar lugar às estruturas de transporte e fluxo que surgem da expansão tecnológica. O trabalho industrial, a locomoção por trens, a veloz temporalidade que o ritmo urbano implicava, vão juntos modificando a percepção paisagística da sociedade ocidental. Essa sensação de movimento, inconstância e fragmentabilidade do mundo moderno, mesmo na percepção da natureza, é apreendida pelos artistas modernos do século XIX, principalmente a partir do movimento impressionista, alterando a lógica da perspectiva da paisagem ao submeter o espectador às sensações do movimento. Contudo, embora a arte moderna se submetesse cada vez mais às abstrações,

e ao afastamento do mundo aparente do Humanismo – em especial ao longo do século XX – a paisagem e a natureza continuavam presentes por meio de associações, como energias que deixam seus traços em tela (JAKOB, 2009 *apud* KERN, 2011).

No ponto de vista da expansão científica, entretanto, e em especial, da Geografia, se confere no século XIX o estabelecimento de um dualismo sujeito-objeto – convenção extremamente proliferada na Ciência Tradicional – em que o conceito de paisagem se vincula intrinsecamente a uma natureza objetiva, de descrição das propriedades físicas do meio, e passa a expelir de si o sujeito. O objetivo, nessa abordagem descritiva da paisagem – a qual Dardel (2011, p. 63) chamaria de “uma justaposição de detalhes pitorescos” – era ler a paisagem como um território, com o intuito de conhecimento para intervir, projetar sobre ele (BESSE, 2006, p. 64). Nesse sentido é que Berque (2000, p. 67) destaca que, enquanto a pintura de paisagem evolui na realidade sensível, a ciência busca para ela uma realidade objetiva e física, se estabelecendo entre as duas um gradual afastamento, descompasso que eventualmente se torna uma oposição.

Nesse sentido é que retomamos o que o autor classifica como paradigma ocidental moderno clássico (POMC), a lógica do mundo ocidental moderno que implica a própria morte da paisagem, pelo conflito de suas naturezas antagônicas (BERQUE, 2013, p. 51). A tentativa de tornar o ambiente humano em um objeto neutro, desconectado da existência – o que Husserl (2012) chamaria de *mundo-da-vida* – causou na modernidade uma hegemonia desse paradigma, seguindo os rumos progressistas que acentuaram a degradação da natureza e das cidades ao longo do século passado (KERN, 2011, p. 10). Embora isso tenha causado, ao longo dos últimos decênios, certa rejeição reativa à essa racionalidade moderna, principalmente apelando a um desejo pela preservação do patrimônio natural, autores como Berque (2013, p. 52) defendem que isso vem buscando no interesse pelo pré-moderno ou pós-moderno soluções que, muitas vezes, apenas reduzem a paisagem ao mesmo sistema moderno, fantasiado de renúncia. Apenas uma verdadeira superação da modernidade poderia ser suficiente para solucionar os problemas da paisagem ocidental contemporânea.

Para o interesse deste trabalho, no entanto, não iremos nos ater estritamente à visão ocidental da paisagem. Tão fundamental quanto foi o breve apanhado para compreensão sobre o nascimento ocidental da paisagem, é também o seu nascimento oriental – que o precede em mais de mil anos – na China do século IV. Iremos discorrer brevemente sobre alguns aspectos.

1.2 Os nascimentos da paisagem: no Oriente

Fēi tú bù mǐ wàng
Lān wù qíng mí qiú
Xuān sū shǐ wú wèi
Jì mò zhōng k qiú

Em vão eu tento olvidar
A paisagem exacerba os sentimentos
A esquece-tormentos não me apazigua mais
Eu venho procurar a solidão⁸

- Xie Lingyun (385-433)

A compreensão de paisagem exercida inicialmente – e, de acordo com Berque (2013), de forma mais completa até aqui – na China, é essencial para a concepção de paisagem que este estudo propõe a representar, na medida em que é elemento fundante para a própria concepção de um dos autores basilares na pesquisa: o geógrafo francês Augustin Berque, de quem iremos elucidar na subseção seguinte alguns conceitos que farão parte da linha de frente deste trabalho.

Autores como o próprio Berque e Donadieu et Périgord (apud MARIA, 2010), que assumem o surgimento inicial da noção de paisagem durante este período, o constataam a partir do tratado escrito de Zong Bing (375-443), chamado “Introdução à pintura de paisagem”. E para Berque (2008, p. 48), na medida em que se pode ser datado formalmente, o nascimento definitivo da paisagem acontece nesse momento, e na China, o que, portanto, caracteriza que, ao pensarmos na paisagem europeia, devemos pensar em relação à chinesa, e não o contrário (BERQUE, 2013). O termo para paisagem, *shānshuǐ* (que significa, literalmente, algo como “as águas da montanha”), já datava de mais de um século (MARIA, 2010), enquanto, lentamente, começavam a surgir representações pictóricas para a paisagem através da pintura de uma elite chinesa, conhecida como literatos, intelectuais abastados, que buscavam, em seu ócio, o conhecimento através das artes (SCHACHTER, 2011).

Ou seja, no contexto chinês, a palavra e as reflexões sobre a paisagem surgem antes da pintura da mesma. Schachter (2011) aponta que a pintura da paisagem chinesa não visava um levantamento de fatos do mundo através de representações semelhantes à morfologia da paisagem, mas sim, uma representação poética e filosófica do movimento da paisagem, buscando uma semelhança de espírito (*shensi*). Berque (2013) reafirma isso ao lembrar que o pintor deveria saber procurar a essência da paisagem, e não apenas sua forma exterior, citando o próprio Zong Bing, que dizia que a paisagem “tende ao espiritual”.

Uma questão que se torna central para os literatos, e que corrobora com o princípio elaborado por Zong Bing, é a que está presente nos escritos do pintor Gu Kaizhi (345-409) – que em sua teoria da arte insistia sobre uma necessidade de se representar o espírito (*shen*) das coisas, ao invés de uma busca pela mera verossimilhança das coisas, por si só. Esse seria um termo que indicaria um ente que dá movimento, energia às coisas vivas.

⁸ “En vain j’essaie d’oublier
Le paysage exacerbe mes sentiments
Déjà le passe-chagrin ne m’apaisait plus
J’en viens à rechercher la solitude”
(OBI, 1983 *apud* BERQUE, 2005). Tradução própria.

Essa mesma ideia também está presente no primeiro dos seis cânones da pintura de Xie He, quando discute sobre a harmonia do sopro – sendo este sopro o mesmo ente que daria movimento às coisas, vitalidade à natureza (SCHACHTER, 2011).

Dentre os principais teóricos da pintura de paisagem deste momento – considerado inicial – para a paisagem, dois nomes são constantemente destacados: além do supracitado Zong Bing (375-443), dos Song do Sul, também o de Wang Wei (415-453). Por não ser da alçada deste breve capítulo buscar uma historiografia da teoria da pintura de paisagem chinesa, vamos nos ater apenas a um dos diálogos entre a obra de ambos, que nos ajuda a compreender a essência da paisagem que nascera no contexto da China Antiga, e que se difere de todo o panorama Ocidental a que traçamos anteriormente.

A obra de Wang Wei, embora posterior em um século aos escritos de Zong Bing, se apresenta como herdeira de algumas reflexões e princípios do seu antecessor. Talvez a mais pertinente dessas heranças – para o contexto deste presente estudo – esteja em suas reflexões sobre a montanha, que nada mais eram, assim como no caso das asserções de Zong Bing, considerações sobre a natureza filosófica da paisagem. Segundo Shachter (2011), Wei compreendia que a representação da montanha na arte devia estar entre o visível e o invisível. O invisível se evidenciaria em coisas talvez não materializadas, etéreas e intangíveis à visão humana, como o próprio *movimento* (ideia importante à época para diversos autores chineses, como vimos). É o que revela o caráter filosófico, poético e afetivo da paisagem. Saber representar não só o plano visível, considerado material e óbvio, como também o invisível, o movimento que dá vitalidade às coisas representadas, era o que diferenciaria uma obra medíocre sobre a paisagem de uma obra respeitosa. Sobre essas ideias de Wang Wei, Shachter (2011, p. 15) complementa:

O movimento inerente à montanha e às coisas vivas precisa ser percebido no plano afetivo e psíquico, uma vez que “o olho tem seus limites, motivo pelo qual o que é visto não é visto em sua plenitude”. O pintor, se desejar ver a montanha em sua integridade, não poderá se valer apenas dos órgãos da visão.

Essa característica seria de tal importância que traçaria, logo de início, um afastamento importante entre as representações da natureza feitas pelos artistas e as efetuadas em mapas – que se limitariam a uma função singela e rústica de descrever a natureza em detalhes, se atendo apenas aos seus elementos materiais. Esse afastamento da opção pela descrição da natureza visual, que se torna característica central na paisagem que nasce no Oriente, evidencia também um caminho oposto ao tomado pela paisagem que nasceria no Ocidente quase mil anos depois. Enquanto a paisagem europeia ficaria, como vimos anteriormente, cada vez mais próxima do cientificismo e da cartografia, do aprofundamento sobre visual e o material da natureza, a paisagem chinesa buscava sua autenticidade no caminho que se traçava entre o material e o imaterial de todas as coisas.

Evidentemente, esses escritos de Wang Wei se relacionam de forma direta com o que Augustin Berque (2013) chama de “princípio de Zong Bing”. Esse princípio está contido logo no início de seu livro *Hua shanshui xu* (Introdução à Pintura de Paisagem), escrito por

volta do ano 440, e é representado por uma frase principal, destacada pelo francês Augustin Berque (2008, p. 70) em seus escritos, que diz que “(. . .) a paisagem, embora possua uma forma material, tende ao espírito⁹.”. A paisagem para Zong Bing seria então um elemento ambivalente, que possuiria dois “versos” – um que comportaria todas as relações físicas, concretas e visíveis; e o outro que revela as substâncias imateriais, as relações invisíveis de afeto, poesia, espírito da paisagem. O diálogo póstumo com as reflexões sobre a montanha de Wang Wei fica ainda mais evidente ao sobrepô-las por esse princípio. Berque (2008, p. 72) ainda completa, dizendo sobre essa ambivalência – a que ambos os autores pareciam ter encontrado:

Em suma, a paisagem agrega o visível, mas também o invisível. O material, mas também o espiritual. É esta ambivalência que é essencial, e que constitui a realidade da paisagem.¹⁰

Além de todas essas ligações e diálogos que partem da obra de Zong Bing, outros autores também merecem destaque, desde o uso (o primeiro) da palavra *shanshui* pelo poeta Zuo Si (por volta de 250–305), que diz que “*shanshui you qing yin*” – que pode ser traduzido, segundo Berque (2013, p. 30) como “a água da montanha tem um som puro¹¹” –, até a apropriação do termo feita pelos poetas Tao Yuanming (365–427) e Xie Lingyun (385–433), que transformam a paisagem em gênero literário, a levando a um patamar lírico. O segundo trouxe em sua obra algo que o autor cunha, na mesma publicação, o “princípio de Xie Lingyun”, que teria como um dos elementos perceber que o *gosto* (*taste*, traduzindo a expressão *shang*) necessário para apreciar a paisagem não é dado para todos igualmente (BERQUE, 2013). O *gosto* (*shang*) seria o elemento que habilita alguém a reconhecer a beleza que se representa na paisagem. O poeta evidencia esse princípio em trechos de poemas como o citado abaixo:

[quem] comigo iria
entender claramente
o que eu desejo
e quem sozinho
teria o gosto para
reconhecê-lo.¹²
(Obi, 1983 *apud* BERQUE, 2013, p. 40)

Nesse trecho, percebemos inclusive a condição de apartação que essa sensibilidade confere ao poeta chinês, em relação a aqueles que não a possuem. Reconhecer a beleza é

⁹ “(. . .) le paysage, tout en possédant une forme matérielle, tend vers l’esprit.” (BERQUE, 2008, p. 70). Tradução própria.

¹⁰ “En somme, le paysage relève du visible, mais aussi de l’invisible. Du matériel, mais aussi du spirituel. C’est cette ambivalence qui est l’essentiel, et qui fait la réalité du paysage.” (BERQUE, 2008, p. 72). Tradução própria.

¹¹ “the mountain water has a pure sound” (BERQUE, p. 30). Tradução própria.

¹² “[who] with me would
clearly understand
what I aspire to
and who alone would
have the taste to
recognize it.” (Obi, 1983 *apud* BERQUE, 2013, p. 40). Tradução própria.

pré-requisito para a civilização paisagística que começava a se formular na China Antiga, tal como tem sido com quaisquer sociedades que adquirem essa característica. É o que separa as sociedades de se relacionar com a paisagem de uma forma exclusivamente utilitária, para se relacionarem também de forma frutiva. Berque (2013, p. 41) faz alusão, por exemplo, a uma fala do pintor Cézanne (epigrafado no início de nosso trabalho), registrada por Joachim Gasquet, em que afirma ter a impressão de haver uma diferença entre sua relação com a paisagem do monte Sainte-Victoire (a que pintara em diversas oportunidades, em atitude contemplativa) e às de alguns camponeses com a mesma paisagem, sendo que estes teriam várias noções utilitárias acerca dela, mas que, sobre a beleza que percebia ali, “[...] eu não acho que eles sintam, ou saibam fora de seu inconsciente utilitário.”¹³ (GASQUET, 2002, p. 263).

Essas diferenciações no perceber da paisagem e na forma de se relacionar com ela – notadas por Xie Lingyun, Cézanne e Berque – são uma medida extremamente relevante para o nosso estudo, influenciando grandemente a abordagem escolhida, tal como impulsionando algumas das indagações citadas logo na Apresentação como fundamentais. Uma delas está na forma como, a partir do momento em que a Modernidade passa a fruir a paisagem (a partir do *shang* apontado pelo poeta chinês), por um lado, por outro lado podemos afirmar que essa aptidão por pensar, falar sobre e consumir a paisagem também tem sido um dos fatores da desintegração da mesma. Berque (2008) vai distinguir esses dois momentos da relação para com a paisagem entre o momento do pensamento *paysagère* (*pensée paysagère*), em que haveria uma relação mais direta com a paisagem, sem que seja necessário o seu entendimento teórico (pois pode ocorrer muitas vezes mesmo antes do surgimento da paisagem na respectiva civilização), para que haja determinados esquemas de percepção e organização da realidade relativos a ela; e o momento do pensamento da paisagem (*pensée du paysage*), em que, já nascida a paisagem na respectiva civilização, ela se torna objeto de reflexão, contemplação e mesmo de consumo. No primeiro momento, pode haver uma sensibilidade *paysagère*, mesmo sem que haja um pensamento sobre essa paisagem, ou que ela tenha cumprido os cinco critérios que concretizam seu nascimento, citados no início deste capítulo. E é essa sensibilidade que denota uma relação profunda com a paisagem, e que, quando perdida pela Modernidade, a colocou em risco.

Tendo em vista as concepções brevemente traçadas até aqui, e principalmente a partir deste último enganche conceitual, trazido de Augustin Berque, faz-se necessário estender uma última e curta ponderação, localizando o nosso trabalho no contexto de uma abordagem que também parte do conceito de Paisagem, a partir das influências citadas, e que examinaremos a partir de agora, dentro do escopo a que se pretende atingir.

¹³ “[...] I don't think they feel it, or know it outside of their utilitarian unconscious.” (GASQUET, 2002, p. 263). Tradução própria.

1.3 Paisagem: marcas-matrizes

Desde as primeiras páginas, temos baseado a abordagem deste trabalho a partir de uma perspectiva geográfica humanista – que, apesar de intertextual, parte uma base fenomenológica –, buscando dialogar com autores que se propõem ao estudo da paisagem, e da realidade geográfica em si, influenciados por um concernir existencialista do *ser-no-mundo* heideggeriano e no contexto de uma ciência que se apresenta dentro do (e sobre o) *mundo-da-vida* de Husserl (2012). Dentre os autores trazidos aqui, nosso diálogo acerca da paisagem deverá se estabelecer em maior parte com os geógrafos Éric Dardel e Augustin Berque. Embora sejam citados apenas parcialmente, autores como Jean-Marc Besse e Werther Holzer também foram fundamentais para os rumos da pesquisa, que ainda conta com inúmeras outras influências implícitas, ainda dentro da temática paisagística (Yi-Fu Tuan, Marandola Jr., Denis Cosgrove, entre outros). Entretanto, iremos focar em nosso escopo, apresentando apenas o material conceitual formalizado nesse estudo.

A aproximação com o geógrafo Augustin Berque esteve além do fato de sua obra ser influenciada, em grande medida, pela Geografia Humanista e a filosofia fenomenológica, interesse epistemológico também compartilhado por essa pesquisa. Contudo, a grande contribuição que o autor trouxe ao nosso estudo vem das raízes de sua outra grande influência: a paisagem oriental. Como vimos anteriormente, essas bases, recuperadas pelo francês em sua obra, possuem uma natureza distinta da paisagem que se punha em prática no Ocidente moderno. Relacionando os conhecimentos da paisagem ocidental com os da oriental, o francês moldou conceitualmente a perspectiva de como vem a pensar sobre a paisagem. Dessa forma, buscamos em Berque sua compreensão paisagística, que culmina no principal conceito explorado no nosso estudo: a paisagem marca-matriz.

Berque propõe, em alguns de seus principais textos, analisados pelos fins deste trabalho (BERQUE, 1998; 2000; 2005; 2008; 2011; 2013), uma nova concepção de paisagem, que ao priorizar no conceito seu aspecto relacional, em um movimento a que chama *trajection* (trajetividade), expõe a paisagem como uma realidade que transita entre o físico e o fenomenal, o objetivo e o subjetivo (BERQUE, 1996, p. 83). O autor estabelece, portanto, a paisagem como uma dimensão sensível e simbólica do meio, que decorre dessa própria relação homem-meio (MARIA, 2010, p. 59). Esta concepção se inspira, em partes, na ambivalência do princípio de Zong Bing que, como explicado previamente, constitui a paisagem em dois “versos”: um de substâncias visíveis/materiais, e outro de imateriais e invisíveis.

Ao discutir a paisagem como sendo uma entidade trajetiva, é implicada a síntese de duas outras concepções, que são, em um primeiro momento, excludentes: a de que a paisagem sempre esteve presente no mundo, a partir da natureza; e a de que a paisagem é uma representação, uma construção intra-mental do homem. Na visão de Berque, a paisagem não se reduz, portanto, como aborda Maria (2010, p. 75), a “uma morfologia do

ambiente” ou “uma psicologia do olhar”; contudo, ela é, sim, relacionada a uma complexa interação entre o homem – que busca e imprime seu olhar à paisagem – com os objetos concretos do meio, que existem em torno de nós:

Dito de outra maneira, a paisagem não reside somente no objeto nem somente no sujeito, mas na interação complexa destes dois termos. Esta relação, que põe em jogo diversas escalas de tempos e de espaço, implica tanto na instituição mental da realidade, como na constituição material das coisas (BERQUE, 2013, p. 26)

Sobre essa compreensão da paisagem, o autor faz alusões às influências a que citamos anteriormente, expondo de forma clara seu percurso, ao mesmo passo que elucida sua perspectiva através das ilustrações, como vemos abaixo:

Que a paisagem é uma entidade trajetiva significa que ela só existe enquanto nos dispomos a vê-la; caso contrário, não é a paisagem que vemos, mas outra coisa, outras entidades trajetivas, próprias à médiança e à époqualité do mundo ao qual pertencemos. É nesse sentido que devemos compreender as palavras de Paul Cézanne (1839-1906), segundo as quais os agricultores da região de Aix “não viam” a Sainte-Victoire. Na verdade, para ver a montanha Sainte-Victoire como paisagem, é necessária um regard paysager, ou seja, que procura ver a paisagem. Isto é o que, em outras palavras, expressa Xie Lingyun (385-433), afirmando que é preciso buscar o belo (mei) para ver a paisagem (shanshui); e é este o mesmo fenômeno apontado por Heidegger quando diz que para ouvir, é necessário escutar (BERQUE, 1996, p. 88).

Uma vez introduzida a concepção de paisagem como uma realidade de caráter trajetivo, Berque estabelece essa lógica de intersubjetividade (que, por si só, já remete ao conceito explorado pela obra do filósofo Edmund Husserl), a que se refere à relação homem-meio, objetivo-subjetivo, ao conceber a paisagem como “marca-matriz” – conceito que dá título, e sobre o qual embasamos esta pesquisa.

Sendo assim, para Berque (1998, p. 85), a paisagem é, ao mesmo tempo marca e matriz: a marca, se referindo aos sentidos morfológicos, expressa uma paisagem em forma, permite que possamos ler e interpretar a terra (o sentido original da palavra Geografia, resgatado em Dardel (2011)), expressa uma civilização e nos oferece o suporte objetivo em que amarramos os símbolos, os valores, o imaginário; enquanto também é matriz, pois participa da cultura de forma integral, nos esquemas de percepção e intencionalidade¹⁴, na forma que enxergamos e fazemos a paisagem.

A paisagem, enquanto marca, “é vista por um olhar, apreendida por uma consciência”; ao passo que, enquanto matriz, “determina (...) esse olhar, essa consciência” (BERQUE, 1998b, p.84-85). Ambas são interdependentes, e ligadas pela incessante trajetividade da paisagem: a marca expressa a matriz e a matriz desvela o sentido da marca (BERQUE,

¹⁴ Tida aqui no sentido em que é tratada na fenomenologia, desde Husserl, tendo nela um espaço privilegiado: é tida por muitos autores como seu principal problema. Em definição de Husserl: “Trata-se, exclusivamente, do halo de consciência inerente à essência de uma percepção efetuada no modo do “estar voltado para o objeto” e, mais ainda, daquilo que está contido na própria essência desse halo mesmo. Ora, faz parte dessa essência que certas modificações do vivido originário sejam possíveis, modificações que designamos como livre mudança do “olhar” – não exatamente e meramente do olhar físico, mas do “olhar do espírito” (HUSSERL, 2014, p. 85).

1987, p. 244). As marcas e matrizes da paisagem caracterizam, portanto, algo único e indissociável: uma paisagem marca-matriz.

Ao explanar a relação trajetiva que constitui a paisagem marca-matriz como elemento relacional, Berque (2000) esclarece que as marcas são instituídas a partir de determinadas matrizes, mas não somente quando são inscritas na paisagem em estruturas criadas pelo homem, mas também em características físicas, instituídas pela natureza, como um rio, que se torna marca quando é indicado como fronteira, a partir de determinado esquema de matriz; exemplo que evoca figuras familiares a esta pesquisa, dado que cursos hidrográficos são constantes delimitadores de bairros, como indicado anteriormente.

Holzer (2000) ainda destaca outro elemento evocativo da paisagem, ao dizer que: “seja como marca, seja como matriz, a paisagem é uma expressão física da ação do homem sobre a natureza, e por extensão, um receptáculo de memória” (HOLZER, 2000, p. 114). No processo de desvelamento de uma paisagem, portanto, a identificação e interpretação das paisagens marcas-matrizes pode revelar em memória, valores e identidades engendrados pelo homem em sua relação com o meio, exprimindo o que há de essencial nessa relação, e, conseqüentemente, recuperando ou fortalecendo seus laços.

Dessa forma, como apontado desde a apresentação deste trabalho, entendemos o potencial da paisagem, como categoria que pode compreender a relação entre a sociedade e seu meio a partir de seus fundamentos, do que há de mais íntimo em sua ligação. Dialogando agora com Berque, também compreendemos o Bairro Rural como um espaço que ainda expressa tal relação de forma latente, através de suas permanências paisagísticas da proximidade das relações entre homem e a terra, dada, em especial, por conta do fator utilitário (uti) do trabalho agrícola, relacionado ao que Berque (2008) chama de *pensamento paysagère*: um pensamento do tipo que transforma paisagens, sem ser necessariamente circundado por um pensamento acerca da paisagem (este segundo estaria relacionado ao que chama de *pensamento da paisagem*; ambos fazem parte de uma distinção dentro do conceito de paisagem) (MARIA, 2010, p. 20); e também da proximidade nas próprias relações sociais, preenchidas por atividades coletivas constantes, ajuda mútua, solidariedade, etc..

O outro autor ao qual recorreremos é o geógrafo — também francês — Éric Dardel, um dos primeiros a trazer a perspectiva fenomenológica para dentro da ciência, e cuja obra só foi recuperada e alçada ao patamar de precursora e inovadora posteriormente, mas que atualmente é tida como uma das mais completas e importantes dentro da corrente Humanista da Geografia (HOLZER, 2010). Sua principal obra é o livro de ensaios *L'Homme et la Terre* (publicado no Brasil pela primeira vez em 2011, com o título *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*) que abriu perspectivas a esse trabalho, como já dito na seção de Apresentação, a partir de sua abordagem intertextual, linguagem poética e complexidade teórica, refletindo sobre conceitos geográficos e sobre a própria natureza da geografia a partir de um ponto de vista singular, instigado pela fenomenologia de Martin

Heidegger a examinar esta ciência sob sua ontologia.

Sua abordagem da paisagem está altamente conectada ao que chama de *geograficidade*, aspecto que liga a existência do homem à Terra, sendo a paisagem o aspecto que mais possibilita sua apreensão. É uma concepção que se aproxima muito mais à trazida posteriormente por Berque (e ao *shanshui* da China Antiga, resgatado pelo mesmo), do que ao seu próprio contexto, como um geógrafo ocidental em meados do século XX, ao ampliar a paisagem a algo que vai “além” dos olhares, como uma “janela ilimitada” e que representa um movimento entre o “real ou imaginário” (DARDEL, 2011). Ele cita no trecho a seguir que:

A paisagem se unifica em torno de uma tonalidade afetiva dominante, perfeitamente válida ainda que refratária a toda redução puramente científica. Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua *geograficidade* original: a Terra como lugar, base e meio de sua realização. Presença atraente ou estranha, e, no entanto, lúcida. Limpidez de uma relação que afeta a carne e o sangue. (DARDEL, 2011, p. 31).

Em vários aspectos, poderíamos traçar diálogos entre a paisagem concebida por Dardel e a posterior, tratada por Berque; mesmo porque o último foi leitor de Dardel e inclusive comenta seu conceito de geograficidade, o adaptando para sua concepção (MARIA, 2010, p. 101). Dentre as semelhanças, podemos destacar que a perspectiva dardeliana trata sobre uma paisagem que se movimenta entre o real e o imaginário, indo além de olhares para ser algo ilimitado – ideia bastante semelhante à do movimento feito pela *trajetividade*, vista anteriormente. Sua paisagem também possui uma natureza afetiva, que por conta dessa característica se torna antítese a uma redução exclusivamente cientificista (tal como Berque (2013) apontava em sua noção de POMC, citada anteriormente – a paisagem e a Modernidade como incompatíveis). O autor até mesmo implica uma compreensão sobre uma forma de pensamento *paysagère* em algumas práticas cotidianas que perpassam a paisagem de forma corriqueira e desatenta, como no ordenamento do solo; e faz comentários em que aparenta estar consciente sobre a ordem vigente da paisagem nas civilizações modernas estar relacionada a algo como o pensamento da paisagem (*pensée paysagère*) de Berque, reafirmando posteriormente que “[...] a paisagem não é, em sua essência, feita para se olhar, mas a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação de seu ser com os outros, base de seu ser social” (DARDEL, 2011, p. 32).

Por fim, mesmo dentro da obra de Dardel, que não buscou em momento algum uma instrumentalização específica que pudesse conformar a compreensão da paisagem, nos parece que havia uma consciência da importância da relação a que Berque viria a cunhar posteriormente “marca-matriz”. Isso fica evidente quando diz que, na evidência de um ordenamento do solo ou alterações físicas quaisquer inscritas na Terra pelo ser humano, a geografia “pode assim exprimir, inscrita no solo e na paisagem, a própria concepção do homem, sua maneira de se encontrar, de se ordenar como ser individual ou coletivo.” (DARDEL, 2011, p. 31). Essa característica de sua Geografia, de ver a Terra como um “texto traçado sobre o solo” que há de ser decifrado por sua linguagem, “que o desenho

da costa, os recortes da montanha, as sinuosidades dos rios, formam signos desse texto” (DARDEL, 2011, p. 2-3) e que, da mesma forma, o homem também inscreve sobre o mesmo solo seus signos, não é nada muito distinta do que propôs Berque em sua concepção de paisagem. As marcas-matrizes do homem e da Terra se formulam e interpretam a partir de suas ações ao longo da história, e são elas que traçam entre ambos a *geograficidade* de Dardel. É partindo desses mesmos prismas que direcionamos nossa pesquisa: na busca pelo desvelamento da paisagem a partir de sua formação como marca-matriz.

Procuraremos, portanto, através da identificação e da reflexão sobre as paisagens marcas-matrizes do bairro rural do Pombal, compreender os sentidos atribuídos à paisagem neste espaço, e o conseqüente impacto dessas paisagens marcas-matrizes na própria identidade do Bairro Rural como tal, assim como em sua permanência, em meio às condições contemporâneas da relação homem-meio; sempre compreendendo tais relações através de suas respectivas trajetividades, como proposto na obra de Augustin Berque. Através do bairro rural e de suas permanências paisageiras, tentaremos encontrar fragmentos daquele “sentido profundo da paisagem” que foi perdido pela modernidade (BERQUE, 2008, p. 72). Para isso, iremos investigar brevemente no próximo capítulo o conceito de bairro rural – o outro conceito basilar de nossa pesquisa – para podermos compreender, logo em seguida, a formação que caracteriza o objeto de nossa pesquisa: o bairro rural do Pombal.

2 Bairro rural: um percurso conceitual

“a rua onde se mora é parte da experiência íntima de cada um, mas a unidade maior, o ‘bairro’, é um conceito” (TUAN, 1983, p. 189)

Figura 4 – Caminhos eucaliptanos na estrada rural



(Fonte: LIMA, L.D.B., 2021)

O conceito de bairro é debate de longa data dentro dos campos da Geografia. Os principais estudos no Brasil se encontram desde os primeiros momentos da produção científica da disciplina no país, tendo como ponto de partida o estudo de Alice Piffer Canabrava chamado *Primeiras notas para um estudo acerca de bairros no estado de São Paulo*, em 1941, ainda nos primeiros anos do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sendo pouco depois sucedida por Nice Lecocq-Müller, que direcionou seus estudos aos bairros da região rural e estudo da população caipira do estado de São Paulo, a partir de 1946. O autor Bruno Maia Halley (2014), analisando em texto os balanços do conceito de bairro ao longo da história da Geografia define o conceito da seguinte forma:

Derivada do latim *barrium* ou do árabe *bárrî*, a palavra bairro tem um uso comum em todo o Brasil e só foi figurar nos dicionários da língua portuguesa em dois

verbetes: o primeiro relativo a cada uma das partes principais em que se localiza a população de uma cidade ou vila, e o segundo, a aspectos interioranos do pequeno povoado, arrabalde ou arraial, este encontrado nos aglomerados rurais situados no interior do estado de Minas Gerais (HALLEY, 2014, p.578).

Portanto, em especial quando se trata da Geografia brasileira – mais especificamente das produções da região do sudeste –, a dimensão rural se torna de extrema relevância, suscitando inclusive uma importante unidade de análise da disciplina ao longo do século XX: o bairro rural. Principalmente a partir de meados do século passado, com exceção apenas de seus últimos decênios, essa unidade de povoamento figurava como foco dos estudos das civilizações tradicionais caipiras, que eram vistas como organizações rurais formalizadas por comunidades cuja identificação com a vizinhança emanaria um forte sentimento de pertencimento àqueles espaços.

Como uma configuração espacial característica de uma identidade específica, partilhada em áreas de espaço rural, em alguns municípios do interior de estados do sudeste – majoritariamente, localizados no interior paulista e sul de Minas Gerais (HALLEY, 2014, p. 578) –, o Bairro Rural se torna uma escolha muito oportuna para comportar este estudo, ao se oferecer como um “agrupamento de algumas ou muitas famílias, mais ou menos vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades lúdico-religiosas.” (CANDIDO, 2003, p. 76). Desde suas primeiras aparições, essa unidade geográfica tem sido utilizada e explorada em diferentes campos disciplinares além da própria Geografia, como por autores da Sociologia, Economia, Antropologia, entre outros, tratando inicialmente necessariamente sobre as relações e os contrastes entre campo e cidade, tradição e modernidade.

O conceito é aqui de grande importância, figurando desde o título deste trabalho, por compreendermos que é a unidade geográfica que melhor acolhe as características da área estudada, um espaço detentor de um impulso paisagístico que nos convoca a atravessar por suas marcas-matrizes em busca de sua essência. As relações das pessoas com o ambiente e entre si nessa configuração espacial são, muitas vezes, definidas como possuidoras de uma permanência de relações arcaicas, mais autênticas e próximas. Entretanto, apesar de tradicional e muito disseminado na bibliografia das ciências sociais, é um conceito estritamente relacionado a uma região do país, como referido anteriormente. Quase como a paisagem para os ocidentais modernos, o bairro rural se torna, em especial, na literatura e no imaginário popular paulista de a partir de meados do século XX, uma noção que aparenta sempre ter existido. Portanto, como explicar o conceito de Bairro Rural?

Propomos mais um breve percurso conceitual para situarmos esse conceito no contexto de como é percebido, vivido e também definido ao longo de sua existência, partindo desde contextos em que era visto como uma realidade disseminada em áreas rurais e ameaçada pelo emergente urbano, até o momento atual, em que se insere em meio às áreas totalmente apropriadas pelo urbano e seus processos modernos, e ainda assim, permanece. Citaremos apenas alguns autores que recorreram sobre a temática,

priorizando aqueles que são considerados canônicos em suas áreas, e dando preferência aos autores da Geografia – embora não ignorando autores de outras áreas, tendo em vista que alguns deles trouxeram grandes colaborações, até mesmo para o ponto de vista geográfico.

Dentre os primeiros trabalhos realizados sobre o tema, destacamos o supracitado, *Os Parceiros do Rio Bonito*, de Antônio Candido (1964), obra que se dedica a analisar e discutir as condições e o modo de vida do caipira paulista, frente ao início de algumas transformações nas configurações tradicionais do espaço rural em questão, provindas da modernidade capitalista e da relação mais frequente com as estruturas urbanas próximas, as quais passavam por um fortalecimento recente. Desde sua publicação tem sido considerada como um dos fundamentos na literatura do assunto. Em seu texto, o autor especifica o caipira paulista e seu ambiente, contextualizando a particularidade dessas figuras para discerni-las de outras, como as do caboclo ou do camponês. A vida e a sociabilidade do caipira se materializa no espaço de sua vida, delimitado pelo autor justamente nos recortes de um espaço pressuposto, na escala do cotidiano e da vizinhança, que é o bairro. Apesar de não cunhar necessariamente *bairro rural* a essa escala, o autor reconhece a especificidade dessa configuração espacial, exclusiva de uma região do Brasil em particular, e extremamente singular mesmo dentro do contexto dessa região:

Este sentido do termo bairro parece ligado diretamente à área caipira, não ocorrendo, ao que eu saiba, noutras regiões do Brasil. Mesmo em São Paulo, não ocorre, ou ocorre esporadicamente, nas zonas novas, sendo francamente usado apenas nas mais velhas. Encontrei-o também no sul e oeste de Minas, faltando dados sobre Goiás e Paraná, nas partes destes estados que devem a sua formação histórica ao São Paulo antigo. (CANDIDO, 2003, p. 76).

Tratando sobre a conceitualidade do bairro, Candido (2003, p. 78-79) discorre sobre dois aspectos principais que o configuram. O primeiro, caracterizado como a *base territorial*, se deve ao sentido mais topográfico, morfológico de um bairro, com suas delimitações que surgem de maneira mais ou menos espontânea, com maior ou menor concordância coletiva sobre seu começo e fim, a depender das suas características e formação (se formado ao entorno de uma capela, as delimitações todas são compreendidas no entorno daquele ponto; se desenvolvida na capacidade de uma antiga fazenda, ou no intervalo entre dois rios diferentes, etc., sua delimitação se torna mais propícia a um consenso territorial). O segundo aspecto se caracteriza por um *sentimento de localidade* nos moradores, que deve ser formado a partir das relações não só da sociedade com o espaço, mas também do intercâmbio das pessoas entre si, de uma ligação comunitária que define um sentido quase patriota, que diferencia esse espaço de todos os outros – o que fica ainda mais nítido através da definição para bairro dada por um caipira entrevistado por Candido (2003, p. 79), que diz que “bairro é uma espécie de naçãozinha”.

A convivência nos espaços estudados por Candido se intensificava por conta de suas economias fechadas, em regimes de subsistência que forçavam os modos de vida a buscar a autossuficiência dentro daquele território – principalmente no sentido alimentício. Dado

que cada família poderia providenciar apenas partes dessa produção, essa autossuficiência absoluta só poderia ser alcançada a partir da cooperação. Essa característica cooperativa observada por Candido, embora muito exclusiva de regimes de economia fechada – difíceis de serem observados em sua totalidade em tempos recentes –, também foi reconhecida pelos moradores do bairro do Pombal, fazendo parte da memória coletiva que forma sua essência, como discutiremos no último capítulo. Essa cooperação se manifestava ainda mais na ocasião dos mutirões, que eram ações de trabalho coletivo para gerar o auxílio mútuo da comunidade, demonstrando que o caráter cooperativo também tinha natureza solidária.

Apesar de compartilhar com a geografia diversos espaços, a obra de Candido possui um escopo que transita mais fortemente nos campos de estudos sociais, como em trechos que evidenciam a tendência antropológica de suas investigações, ao tratar sobre a figura do caipira e sua cultura, assim como assume um caráter sociológico ou economista ao discutir e refletir sobre o estado atual de Bofete, sua população e suas relações de trabalho, e uma suposta crise do grupo caipira em suas formas de existir frente às mudanças do ambiente social que o rodeava. Bofete, apesar de uma realidade periférica, começava a ser impactada pelos processos urbanos. Contudo, esse ambiente de transformação na obra de Candido também se mescla com um sentimento de persistência e luta pelas permanências do seu modo de ser e de viver aquele ambiente:

No estudo da vida social do caipira, devem-se justamente levar em conta estas necessidades, desenvolvidas, como vimos, em virtude do rompimento da estrutura tradicional e do aparecimento de novos incentivos, tudo devido à passagem da economia fechada de bairro à economia aberta, dependente dos centros urbanos e suas flutuações econômicas. Não se trata evidentemente de permitir ao caipira recriar as condições de relativo equilíbrio da sua vida pregressa, isto é, ajudá-lo a voltar ao passado. Trata-se de não favorecer a destruição irremediável das suas instituições básicas, sem lhe dar a possibilidade de ajustar-se a outras. (CANDIDO, 2003, p. 258).

Entretanto, mesmo ao considerar todas as transformações estruturais sofridas na sociedade em todos os níveis desde as reflexões relatadas por Candido, entre as décadas de 1950 e 1960, e que afetaram também, por consequência, a vida no campo de forma definitiva, podemos notar que algumas das características expostas continuam a figurar diversos dos estudos posteriores sobre Bairros Rurais nos anos seguintes, como nos de Queiroz (1973), em que a autora, adiante em dez anos ao registro de Candido, já discute algumas alterações em relação ao Bairro Rural narrado pelo predecessor, mas também enfatiza a essencialidade de algumas características que permanecem, como ao apontar que “o sentimento de localidade constituía elemento básico para delimitar a configuração de um bairro, tanto no espaço geográfico quanto no espaço social (QUEIROZ, 1973, p. 3).

A autora, inspirada pelos conceitos formalizados por Candido, continua os estudos de bairro rural direcionando-os para o sentido contemporâneo, em que já se observava uma realidade econômica muito mais abrangente do que já fora, com maior integração entre as realidades rurais e urbanas, embora assegurando a continuidade das tradições básicas

e das instituições da cultura caipira. A autora define o conceito de *bairro rural*, como uma forma de aprofundar os estudos do mesmo, o caracterizando definitivamente como uma unidade de análise canônica naquele período da Geografia brasileira:

Era o bairro rural um grupo de vizinhança de “habitat” disperso, mas de contornos suficientemente consistentes para dar aos habitantes a noção de lhe pertencer, levando-os a distingui-lo dos demais bairros da zona. O “sentimento de localidade” constituía elemento básico para delimitar a configuração de um bairro, tanto no espaço geográfico quanto no espaço social (QUEIROZ, 1973, p.3).

Queiroz se debruça sobre uma dimensão mais ampla da população dos bairros rurais, que é configurada pela figura do sitiante, o identificando com o campesinato brasileiro, de forma com que essa figura se insere nos processos de formação histórica do país e está associada às dimensões da estrutura agrária, não sendo um trabalho, portanto, que se limita a um caráter antropológico, mas sim explora os diversos fatores que permeiam o meio rural brasileiro. Esse novo personagem é o que permite que sua obra transite por caminhos mais amplos do que as anteriores, se tratando dos residentes do bairro rural. Esse ganho de amplitude se dá pelo fato de que o sitiante é tido como uma camada intermediária do meio rural, entre fazendeiros e mão-de-obra, sendo uma população que pode percorrer ambientes distintos e voltar ao bairro rural, podendo trazer intercâmbio entre urbano e rural sem que se ameçassem as tradições que asseguram a manutenção desses espaços e culturas. Sobre ela, Queiroz (1973, p. 14) afirma:

Todos estes trabalhos mostraram, pois, que ao contrário do que antigamente se pensava, havia pelo menos mais uma camada social rural, além da dos fazendeiros e da mão-de-obra sem-terra – camada intermediária formada pelos sitiantes. Esta camada existiu sempre, desde o início da colonização do país, e seria interessante rebuscar nos relatos de viajantes e de memorialistas, em todos os documentos enfim, dados que revelem como vivia, quais os seus caracteres. Por outro lado, não se trata de gente isolada, mas, pelo contrário, de gente que se movimenta em sua vida quotidiana, conhecendo outros ambientes e outras configurações sociais diferentes da sua.

Portanto, o trabalho de Queiroz, em seus estudos que perpassaram diversos bairros rurais do interior de São Paulo, teve como um de seus principais legados estabilizar a compreensão de que o bairro rural deveria ser analisado por um olhar mais abrangente, que ultrapassasse o entendimento anterior de que era um espaço que se configurava a partir de uma economia fechada, e que, portanto, se encontraria ameaçado pelos avanços da estrutura urbana sobre o modo de vida tradicional, indicando que o bairro rural se sustenta mesmo em frente às aberturas econômicas – pois não se define a partir de regimes econômicos, e sim a partir de suas características essenciais: as relações de vizinhança e o sentimento de localidade. Sobre esses pontos, a autora afirma:

Os bairros rurais se definem mais pelas relações sociais do que por um regime econômico específico, no entanto, a diferenciação interna dessa categoria social em duas divisões distintas tem como critério o regime econômico específico de cada uma delas. (QUEIROZ, 1973, p. 122-123).

A autora abre um caminho para estudos mais abrangentes de uma unidade territorial que parecia entrar em declínio ao perceber que sua crise era muito mais uma etapa de

mutação do que de transição do bairro rural, suas culturas e modos de vida, para a cidade. A estrutura urbana poderia se adequar aos modos de vida da civilização caipira, tal como a civilização caipira poderia acolher e coexistir junto à estrutura urbana, pois “um município pode ser ao mesmo tempo altamente urbanizado (graças ao grande desenvolvimento da sede municipal, como é o caso de Taubaté), e conservar uma área rural pouco desenvolvida, totalmente apegada ao gênero de vida tradicional do caipira” (QUEIROZ, 1973, p. 29). Por conta dessa perspectiva é que o *bairro rural*, em qualquer que seja sua estrutura econômica, permanece um conceito bem frequentado, mesmo na Geografia contemporânea.

Müller (1941; 1966) e Fernandes (1971) também trazem grandes contribuições ao debate sobre o bairro rural, a partir de perspectivas geográficas, diferentemente dos citados anteriormente, encontrando, porém, algumas convergências fundamentais quanto às constatações dos outros autores. A primeira, citada no início do capítulo, foi autora de uma das primeiras teses de geografia no Brasil, com o título *Tipos de sítio em algumas regiões do estado de São Paulo* e também uma das pioneiras no estudo do bairro rural, o qual considera uma célula de comunidade social não morfológica (HALLEY, 2014, p. 579), ainda precedendo a publicação de Candido em algumas décadas:

[...] onde existem certos tipos de relações sociais a lhe dar corpo: laços de parentesco ou de vizinhança, reforçados frequentemente pela existência de uma venda, capela ou escola cujo raio de ação marca comumente os limites do bairro (MÜLLER, 1946, p. 42 apud HALLEY, 2014, p. 579).

A autora enfatiza as marcas que caracterizam a paisagem do bairro rural, as destacando como elementos que reforçam a integração da comunidade não só com seu território, mas também entre si. A morfologia do bairro rural é um item valorizado pelo texto de Müller, que descreve as estruturas e organizações que o caracterizam, embora sempre relacionando-os às relações humanas que os intermediam:

Em suas áreas de dominância, os bairros se sucedem como unidades de povoamento e de organização do espaço agrário. Os bairros se compõem, como unidade de povoamento, de duas partes: um “núcleo”, composto por número variável de construções, mas suficientemente próximas para que se defina um agrupamento humano na paisagem, e uma área periférica, formada por propriedades rurais, com habitat disperso. (MÜLLER, 1966, p.100).

Anos depois, em Müller (1966), a autora ainda reforça sua conceituação, realçando os traços descritos anteriormente da convivência social (MÜLLER, 1966, p. 129), e muitas vezes associando esse coletivo sentimento de pertença a elementos físicos, que fazem parte do imaginário do local, ou, como poderíamos dizer na perspectiva deste trabalho, da paisagem de um bairro rural. Analisando os espaçamentos entre casas/propriedades de terra que compõem o bairro rural, evidencia a discriminação de núcleos dentro desse único bairro, se separando entre regiões mais centrais ou periféricas, sendo as primeiras aquelas que comportam as principais estruturas de convívio (a capela, a escola, a mercearia, etc.). O bairro seria uma célula com estrutura de organização própria, porém submissa à determinada hierarquia, na qual se posiciona junto de outras células organizadas (bairros) que mantém relações entre si e com o núcleo urbano (MÜLLER, 1966, p.129-130).

Neste mesmo caminho, citamos a também geógrafa Liliana Laganá Fernandes – em ainda outro estudo dentre os clássicos da bibliografia sobre *bairros rurais* – que também reconhece como “elemento permanente” a “existência de certa unidade entre um grupo de vizinhos, resultado da soma de determinados elementos de coesão, fazendo com que se estabeleçam contatos e intensa vida de relações, dentro de uma determinada área, a que o povo denomina de “bairro”” (FERNANDES, 1971, p. 8). Em concordância com os autores citados anteriormente, Fernandes também identifica nas relações de vizinhança a essência que agrupa essa população a uma só identidade territorial e social.

Tanto em sua dissertação (1971) quanto em sua tese – um estudo chamado *Bairros rurais no município de Limeira: estudo geográfico* (1972) –, a autora reforça a noção de que uma unidade territorial não definida de forma rigorosa por algum agente externo, e sim uma designação com limites nem sempre precisos ou unânimes, que se integra portanto primariamente a partir do sentimento de localidade de seus moradores (FERNANDES, 1972 *apud* HALLEY, 2014). Essa noção de limites imprecisos, sempre vinculados muito mais ao imaginário popular dos moradores do que a uma imposição de força maior, esteve associada ao bairro rural desde os estudos mais antigos, como vemos em Müller (1946, p. 142) e também em Schmidt (1951, p. 15), que dizia ser o bairro um lugar, espaço com características próprias, podendo ser mesmo “um vale, uma cabeceira ou nascente de algum ribeirão, uma praia [. . .]. É o povo que lhe dá o nome e determina, com limites mais ou menos imprecisos, a área abrangida pelo mesmo”.

Encontramos também, em todos esses autores, referências às atividades tradicionais exercidas tipicamente nessas áreas rurais com tal configuração, como as festividades religiosas, mutirões, tanto quanto a costumes, interações, crenças, tradições; todos elementos marcantes que constituem, de forma essencial, uma vivência, uma identidade particular e, por fim, um habitar do bairro rural. Essas atividades lúdico-religiosas levam certa centralidade às relações dos moradores entre si, e com o próprio bairro, caracterizando aquele espaço também a partir da particularidade de possuírem uma marca específica a partir dessas ações, tal como fortalecendo laços através desses momentos. Os estudos de Candido (2003) e Queiroz (1973), dentre os citados, permanecem os mais ricos em relatos dessas ocasiões especiais, inserindo o leitor nas ações de curandeiros, na medicina e na culinária popular, nas frequentes festas religiosas, nos mutirões (muitas vezes também inseridos no contexto religioso), entre outras.

Após um período de intensa produção entre os anos 1950 e o início dos anos 1980, um hiato de estudos sobre o bairro no Brasil se estabelece por quase três décadas. De acordo com Halley (2014, p. 582), esse hiato se relaciona à emergência do neopositivismo, – abordagem sob a qual a cidade era compreendida como um sistema, e no qual os interesses estavam relacionados a uma perspectiva quantitativa, em que não se encaixaria uma tentativa de empreender estudos de bairro. Além dessa observação, vale considerar que os estudos de bairro rural eram vistos muitas vezes como obsoletos, por tratar de uma

unidade territorial que há muito vinha sido predita como em extinção. Seus trabalhos são retomados nas duas décadas que iniciam o século XXI, quando, ainda segundo Halley (2014, p. 585), se apropriam do conceito de bairro duas das principais vertentes hoje vigentes na ciência geográfica: a humanista-cultural e a marxista-lefebvreana.

Entre trabalhos recentes, já atualizando a discussão às estruturas urbanas do século atual, algumas contribuições relevantes a serem destacadas são o artigo de Bombardi (2004), que demonstra um rompimento com a compreensão anterior de que o Bairro Rural também decorre, necessariamente, de um isolamento, tanto em acessibilidade quanto no modo de vida do sitiante, em relação ao externo. Souza e Hespanhol (2010) também trabalham com a análise de bairros rurais contemporâneos, e destacam as diversas integrações entre elementos e estruturas urbanas, ou modernas, como, poderíamos dizer, relações de trabalho, a inserção de serviços, a proliferação do saneamento básico, entre outros, com a vida e o habitar dos bairros rurais que ainda resistem enquanto tais.

Mesmo diante de condições tão distintas em relação ao que os primeiros autores observaram nos estudos iniciais sobre bairros rurais, as concepções de ambos os autores contemporâneos se assemelham no que, na definição do termo como uma unidade geográfica, diante das constantes metamorfoses, sua permanência decorre de uma “identidade territorial” (BOMBARDI, 2004), em que “é a noção de pertencimento que têm os camponeses concretizada por seu tipo específico de solidariedade, que dá origem ao bairro rural” (BOMBARDI, 2004, p. 57); e de “elementos simbólicos e materiais nas relações de vizinhança, nos costumes comuns, na identidade, na história, na cultura, na ocupação territorial, na hereditariedade, no parentesco, nas crenças e nas lutas” (SOUZA; HESPANHOL, 2010, p. 190).

A pesquisa de Souza e Hespanhol (2010) se aproxima do presente trabalho, ao analisar “a nova configuração das comunidades rurais situadas em localidades que dependem, basicamente, do desempenho do setor agropecuário” (SOUZA; HESPANHOL, 2010, p. 169), no interior de São Paulo. Ao analisar bairros rurais localizados no atual Oeste paulista, os autores privilegiaram a escala econômica, com o objetivo, porém, de compreender também o nível simbólico das relações encontradas naquele ambiente. Isso porque, diante das transformações ocorridas a nível sócio-econômico no Brasil dos últimos trinta anos, o meio rural é vigorosamente atingido – em especial quando se trata das camadas privilegiadas pela presença histórica do latifúndio, em um país em que a concentração de terras sempre foi regra.

De acordo com suas observações, diversos moradores sofreram com as transformações, que prejudicavam a pequena produção (ou produção familiar) no escopo regional da dinâmica agrícola. Com o declínio das atividades agropecuárias, a tendência populacional se direcionava às cidades e suas novas centralidades econômicas. Entretanto, mais uma vez, essas transições encontraram grande resistência dos moradores que, identificados com o bairro rural, buscaram adaptações dentro do meio rural – por vezes até em atividades não-

agrícolas –, para poderem permanecer no território em que se estabeleceu seu modo de vida. Os aspectos simbólicos, para Souza e Hespanhol (2010), portanto, se sobrepuseram às relações econômicas no que tange aos bairros rurais estudados.

Partindo dessas reflexões, tendo observado todo o percurso feito pelo conceito de *bairro rural* ao longo de sua existência, percebemos que suas características basilares são compartilhadas por quase todos os principais autores, mesmo que em momentos históricos distintos: o sentimento de localidade/pertencimento; a cooperatividade/parceria; as atividades lúdico-religiosas; as relações de vizinhança; entre outros. Contudo, é perceptível também o quanto esses bairros compartilham de duas características adicionais – que apesar de parecerem contraditórias, são na verdade complementares: a capacidade de adaptação frente às constantes transformações econômicas e sociais; e a permanência das instituições fundamentais dos grupos que pertencem a esses espaços, fazendo manutenção de seus costumes, tradições e, principalmente, do território com o qual se identificam.

Ao longo dos processos metodológicos que permearam este trabalho – entre campos, leituras e escritas – podemos perceber diferenças e semelhanças entre os bairros rurais lidos e o bairro vivido, na experiência da realidade de nossa área de estudo. Entretanto, ainda que com convergências e divergências no que tange aos aspectos econômicos, morfológicos, ou por vezes, mesmo social, os aspectos fundantes do bairro rural – presentes ao longo desse breve percurso conceitual –, permanecem presentes. Por vezes de nível simbólico, mas que se concretizam nas ações de sua população, parecem ser eles a pedra angular e o alicerce que mantêm sua natureza inerte, por menor ou menor que seja a integração desse espaço com os outros, em diversos períodos históricos. Sua formação, porém, só pode ser compreendida a partir da formação do próprio município de Pilar do Sul, que o abarca e produz algumas marcas-matrizes que serão consumidas também por si.

2.1 A formação de um município: terras e marcas

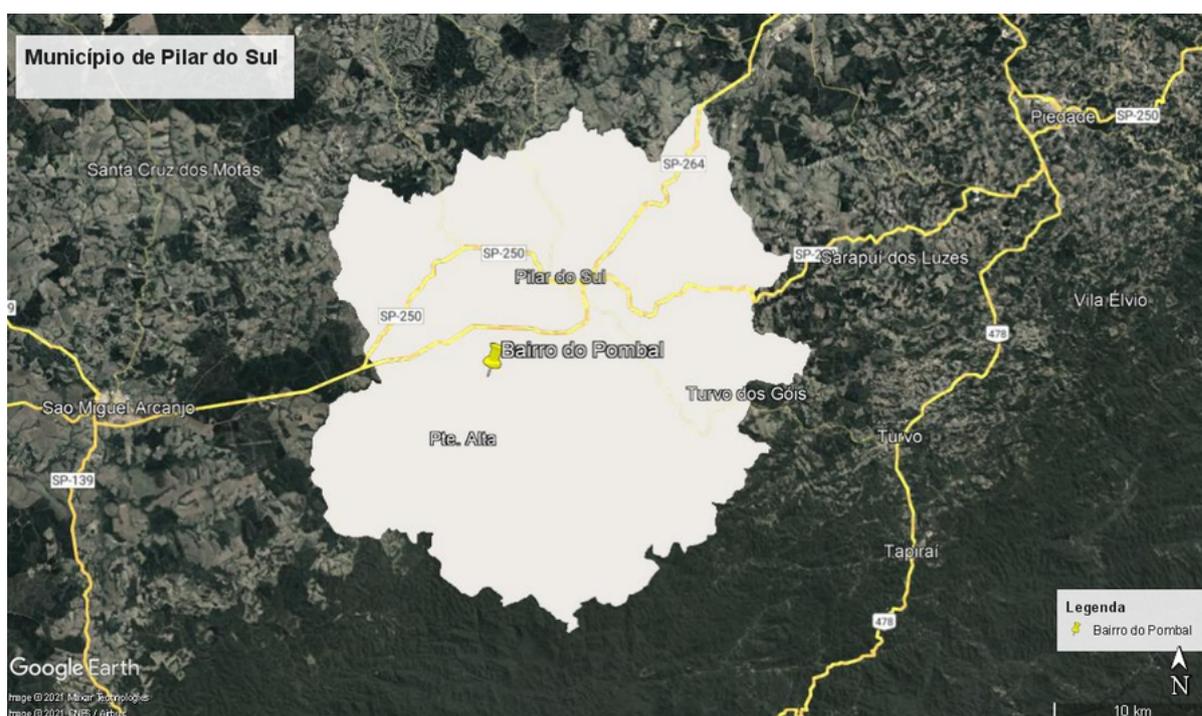
O Bairro do Pombal se localiza em Pilar do Sul, município paulista situado na Região Metropolitana de Sorocaba, na Mesorregião Macro Metropolitana Paulista e na Microrregião de Piedade, estando a 140km da capital paulistana. Possui uma área territorial de 681,248km², e uma população de aproximadamente 29.612 habitantes, segundo estimativa do IBGE (2021). A formação deste município e de seus bairros — rurais e urbanos — está muito vinculado a diversos processos históricos em vigência no século XIX, que constituíram a distribuição de suas terras.

Figura 5 – Localização do município de Pilar do Sul no estado de São Paulo



(Fonte: ABREU, 2006).

Figura 6 – Inserção do bairro rural do Pombal no município de Pilar do Sul



(Fonte: LIMA, L.D.B., 2021).

Apropriando-se da herança deixada por antigas trilhas indígenas, as rotas mercantis paulistas — muito conhecidas como os caminhos tropeiros de São Paulo — deram início ao desenvolvimento ou à própria ocupação de diversos territórios, sendo especialmente relevantes na formação dos municípios interioranos ao sul do estado. Percorrendo as estradas paulistas, as rotas entre o século XVIII e XIX eram a principal integração regional entre o Sul com os centros econômicos brasileiros naquele momento (Minas Gerais e Rio de Janeiro ganhavam destaque, nesse sentido). A partir delas, se via o escoamento e distribuição de toda a produção agropecuária das vilas paulistas de forma inter-regional. Também eram nelas que desfilavam as boiadas que se tornavam grande negócio, tal como os comboios com negros cativos e escravizados. E, sobretudo, eram presentes ali as principais figuras no que se tangia a transportar, criar e conectar espaços econômicos no período: as tropas de muares. Era o ciclo dos muares (JÚNIOR, 1950). Talhados a cumprir com a função de conduzir as mais importantes produções, foram além, carregando consigo também as usanças apreendidas de todo o Brasil acessado pelas vias do percurso. Era essa conjunção, personificada na figura das grandes Feiras de Muares de Sorocaba, as mais famosas do país, que começou a atrair exploradores também para as terras limítrofes — ainda desconhecidas — desse município. É esse o contexto do início da ocupação de Pilar do Sul e região. Moreira (2012, p. 106) afirma:

O movimento tropeirista visava à formação de grupos (comitivas) de cavalos e muares em áreas criatórias, para abastecer os centros consumidores, no período precedente, pelos arredores de São Paulo, São Vicente e Rio de Janeiro, principalmente. Essa atividade permitiu o surgimento de vários municípios, como Sorocaba e Taubaté, a partir de 1830. Justamente para evitar a passagem no registro de Sorocaba e, conseqüentemente, evitar o pagamento de tributos, muitas tropas optavam pelos caminhos alternativos, como, por exemplo, São Miguel Arcanjo e Pilar do Sul. E, nessas paradas ou pousios, foram instalados estabelecimentos para atender a demanda alimentar e manufatureira.

Mesmo após a decadência do ciclo do ouro e a conseqüente expansão cafeeira, a partir de 1830, o uso de muares como meio de transporte continuou em vigência, passando a ser parte de todo o complexo de atividades que envolvia o processo cafeeiro, em especial no oeste paulista. Júnior (1950, p. 74) afirma que “era ainda o muar o elemento insubstituível para carregar sacas de café, tanto na exportação desse produto, como na importação acarretada pelas vendas”. É nesse momento que se intensificam as famosas feiras sorocabanas, e, por conseguinte, os fluxos na região, formando as rotas alternativas citadas acima, que partiam, principalmente, em direção a cidades adjacentes de São Paulo:

Municípios próximos a Piedade, tais como Pilar do Sul e São Miguel Arcanjo, também eram caminhos de contrabando. Durante a primeira metade do século XIX, funcionavam como pontos de abastecimento das tropas vindas do sul por Itapetininga ou Capão Bonito, pretendendo chegar a São Paulo por onde hoje está localizado o município de Cotia (SONODA apud MOREIRA, 2012, p. 107).

Dessa forma, importante parte do processo de ocupação da região em que se estabeleceu Pilar do Sul foi a atuação de tropeiros, mineradores — à procura de metais preciosos — e também caçadores. Os tropeiros que a ocuparam, a utilizavam principalmente

como um espaço para moer (ou, piloar) as carnes que eram obtidas a partir da caça, tanto para o processo de curtimento do couro dos animais capturados, como também para a confecção de paçoca. Essa atividade é, inclusive, uma das duas versões para o nome dado ao município (o local de se pilar a carne). A segunda versão aponta a devoção dos habitantes pioneiros — mineiros — à Nossa Senhora do Pilar, uma santa espanhola. Tendo em vista essa fusão de características, Felix (2005, p. 15) afirma que:

Apesar da influência do tropeirismo na origem do povoamento nos arredores de Botucatu, Itapetininga, Itaporanga e Tatuí, essa área também recebeu o reflexo do declínio da mineração, uma vez que os “vãos das grandes sesmarias” despertaram o interesse dos migrantes paulistas e do sul de Minas Gerais, que costumavam entre eles transitar, ora como caminho alternativo ao fisco, ora como trajeto a Mato Grosso, Goiás ou Minas Gerais em busca de ouro.

Moreira (2012, p. 108) reafirma as marcas do tropeirismo em Pilar do Sul na atualidade. Os símbolos encontrados por todas as partes da cidade trazem esse significado implícito; no entanto, alguns deles possuem maior impacto, como cita:

As marcas do tropeirismo em Pilar do Sul são fortes. Encontramos nas saídas da sede do município, dois símbolos: o pilão e a figura de um sertanejo tropeiro. Vivenciamos, também, nos finais de semana, grupos de amigos que fazem a cavalgada nos arredores do perímetro urbano. Além disso, anualmente são realizadas cavalgadas festivas ou encontros de tropeiros, para manter a memória desse movimento histórico tão importante para a estruturação econômica do centro sul brasileiro.

O outro marco da ocupação de Pilar do Sul é a sesmaria de Antonio de Almeida Leite, que originou seu território. Com o objetivo do povoamento das áreas próximas aos rios Sarapuí e Pirapora, as doações de sesmarias se deram, majoritariamente, para famílias originárias de áreas das principais mineração brasileiras — havendo nesse momento, portanto, significativa imigração mineira para este local —, sob supervisão da Igreja São Bento de Sorocaba que era, por sua vez, detentora de grande porção de terras (FELIX, 2005). Ainda no contexto da presença da coroa portuguesa no país, o sistema de sesmarias tinha como objetivo a doação de terras para fins produtivos, tal como amenizando, consequentemente, conflitos entre posseiros de terras compartilhadas; sabemos, entretanto, que a doação era excludente ao favorecer as plantations vigentes, tendo sido esse sistema um dos embriões da histórica concentração de terras no Brasil, expandindo a desigualdade social e os conflitos no campo. Sobre isso, Nozoe (apud MOREIRA, 2012, p. 102) reitera que:

[...] do regime sesmarial resultara um processo extremamente seletivo de concessão, no qual somente parasitas, sedentários e poderosos recebem graciosamente as doações que, uma vez apropriadas, alcançam cifra que nunca poderá tocar a uma família pobre e laboriosa . . . e, quando isso vinha a ocorrer, tornava-se impagável, o que, por sua vez, ensejava longas e onerosas demandas judiciais.

No caso do Tenente Antonio de Almeida Leite, a sesmaria em que se instalou a partir de 1865 era a área que hoje compreende o município de Pilar do Sul — denominada, naquele momento, Fazenda do Pillar, distrito da Freguesia de Sarapuí que pertencia ao município de Itapetininga. Dentro da Fazenda, e com autorização da Diocese de Sorocaba,

construiu a primeira capela em homenagem ao Senhor do Bonfim no território. Posteriormente, com o estabelecimento da capela no bairro do Pombal, a imagem do santo irá deslocada, como ainda veremos à frente.

Antes de sua ocupação, o local era habitado por índios da tribo Tupinambá (FELIX, 2005), e ainda, posteriormente, por donatários de terras provindos do estado de Minas Gerais. Após seu falecimento em 1870, deixou, de acordo com seu testamento, seus escravizados em posse do território que compreendia a Fazenda do Pillar. Sobre o processo de transição de proprietários da Fazenda, posterior ao falecimento do Tenente Almeida e posse de seus escravizados, temos o seguinte registro, feito em Felix (2005, p. 15):

Em 1870, o tenente Almeida veio a falecer e doou, por testamento, suas terras aos seus escravizados negros. Estes, de posse da Fazenda do Pilar, dividiram-na em lotes e venderam alguns a estranhos, que aqui vinham em busca de terras para a instalação de lavoura e pecuária, embora o testamento proibisse a venda, contribuindo para aumentar, rapidamente, a população local.

Contudo, essa versão é contestada por fontes históricas locais. Em uma das conversas com senhor Deodato, principal autoridade referente a estudos quilombolas no município de Pilar do Sul atualmente — e também vice-presidente e líder da Associação dos Remanescentes do Quilombo da cidade —, durante os trabalhos de campo, ele relata justamente sobre o processo de expropriação dos negros libertados, herdeiros das terras do Tenente Almeida, apontando para os relatos de que os contratos feitos àquela altura tiravam proveito do fato de que a maior parte dos escravizados, agora libertos, não haviam sido instruídos à leitura/escrita em português. Além disso, detalha todo o processo de expropriação do legado dos escravizados do Tenente Almeida em uma cronologia de fatos históricos, seguidos do falecimento do mesmo no ano de 1870.

O senhor Deodato de Almeida Caetano nasceu em outubro de 1941 no município de Pilar do Sul, descendente dos remanescentes quilombolas que eram também legatários das terras deixadas por Almeida. Seu pai, Adélio Almeida Caetano (1919-1990) se dedicou a explorar os arquivos da cidade em busca de documentar a expropriação dos quilombolas de suas terras herdadas por testamento, de forma que o fez até seus últimos dias. O objetivo era, além do registro histórico, reunir provas suficientes para encaminhar um projeto para readquirir e titular essas terras como terras quilombolas. Deodato prometeu a seu pai, antes de sua morte, continuar sua luta até as últimas instâncias; e assim o tem feito, desde então. Reunindo registros — e tendo aproveitado de seus anos trabalhando no Cartório municipal, em que tinha acesso a muitos deles — e mobilizando forças institucionais e sociais, a Associação Quilombola de Pilar do Sul já tem projeto bem encaminhado pelo INCRA para a regularização fundiária dos territórios quilombolas do município.

Selecionamos alguns dos principais registros a respeito de uma cronologia da expropriação dessas terras, feitos por Deodato através de diversos levantamentos entre documentos históricos de diversas fontes, priorizando entre escrituras da Câmara Municipal

e do Cartório, analisadas pelo mesmo durante décadas:

- 1870: Falece o Tenente Almeida Leite, deixando em testamento as terras da Fazenda Pilar para seus escravos, aos quais também emancipa;
- 1872: A Câmara Municipal obriga todos os proprietários de terras a cercarem seus terrenos, apresentando a documentação dos mesmos em setenta dias, caso contrário seriam confiscados. Começa a expropriação do legado dos escravos.
- 1874: Os legatários do tenente Almeida dão quitação ao testamento, separando formalmente suas terras das do grupo dos Vieiras (escravos que herdaram terras da falecida esposa do tenente).
- [...] 1889: O casal (dos Vieiras) Christina e Matheus de Almeida Leite vende sua parte da herança da Fazenda Pilar para a Câmara Municipal de Pilar do Sul.
- [...] 1949: Encerrada a Ação Discriminatória do 3º. Perímetro (de Piedade), que declara as terras pretendidas pela Prefeitura como particulares em favor da mesma;
- Década de 1950: começa uma forte pressão sobre as terras. Os legatários têm de deixá-las, dividindo famílias.
- [...] 1977: O prefeito Antonio José Ayub começa a demarcar as terras supostamente do município, investindo sobre o Campo Grande e derrubando casas dos quilombolas, expulsando a maior parte dos que ainda permaneciam no território. [Depoente Deodato Caetano, Pilar do Sul/SP. 2021]

Apenas a partir desses apontamentos, já fica evidente o caráter institucionalizado do processo de expropriação das terras herdadas pelos escravizados agora emancipados do Tenente Almeida. Através de legislações, rapidamente implantadas pouco tempo após a morte de Antonio Almeida Leite (o primeiro decreto referente à regulação de terras na área da Fazenda Pilar é feito apenas dois anos após seu falecimento), as forças do Poder Público, então representadas por ações da Câmara Municipal, buscaram se apropriar daquele vasto terreno em que se estabeleciam ocupações e atividades diversas, tentando validar juridicamente uma desapropriação ilícita. Sabendo que muitos dos legatários da Fazenda Pilar não teriam condições de articular a documentação necessária — mais ainda por conta do curto espaço de tempo permitido para tal (setenta dias) —, os legisladores que propuseram a provisão e a validaram conseguiram, pouco a pouco — através da pressão da legalidade — espoliar a Fazenda Pilar de seus herdeiros legítimos.

Senhor Deodato ainda complementa, através da análise de seus arquivos, alertando para os principais responsáveis pelo início desse processo de espoliação. O nome mais citado, especialmente nos relatos que atravessam o final do século XIX e início do século XX, é o de Tenente Coronel Antonio Euzebio de Moraes Cunha. Essa figura, cujo nome batiza uma conhecida rua comercial na cidade de Pilar do Sul, é considerado um dos seus mais importantes pioneiros, sendo sua história admirada pela população local hoje e em seu período de vida, era também a figura de um rapaz tutelado por Tenente Almeida por cerca de dez anos. Deodato comenta:

[...] sendo ele (Tenente Coronel Antonio Euzebio de Moraes Cunha) tutelado pelo Tenente Almeida, e que quando o Tenente Almeida faleceu, Coronel tinha 27 anos, e com todo o poder para manusear tudo o que o Tenente deixou, pois estava sozinho. Morava de frente com a casa do Sr. Antonio e não tinha ninguém para tomar conta de seus bens, a não ser o seu Antonio. Nesse caso, você pode deduzir o que ele fez com o resto dos bens do Tenente e dos demais herdeiros,

haja visto que ele já era político e tinha o título de Coronel — o povo o respeitava e obedecia tudo o que ele ordenava ou pedia. [Deponente Deodato Caetano, Pilar do Sul/SP. 2021]

Segundo Deodato, com grande influência na Câmara Municipal desde aquele momento — ainda jovem — até sua morte, Euzebio de Moraes foi um dos principais agentes a incentivar a expropriação dos herdeiros de seu tutor, Tenente Almeida, movimentando políticos e a sociedade a favor de seus interesses. Até sua morte, consegue modificar significativamente a distribuição fundiária da Fazenda Pilar, tendo concedido muitas das porções adquiridas pela expropriação feita pelos Poderes Públicos para compradores influentes na região. Infelizmente, a maioria dos documentos e artigos pertencentes e relativos ao Tenente Coronel não podem mais ser encontrados: Deodato afirma que Euzebio de Moraes insistiu para que todos seus pertences e bens fossem enterrados juntos de si, dentro de um baú impenetrável. Embora não se tenha acesso a todos eles, entretanto, os relatos de memorial oral e levantamentos escritos de Deodato foram suficientes para apontar outra perspectiva sobre as origens de Pilar do Sul, seus principais agentes e os processos por trás do desenvolvimento da Fazenda do Pillar no município de Pilar do Sul.

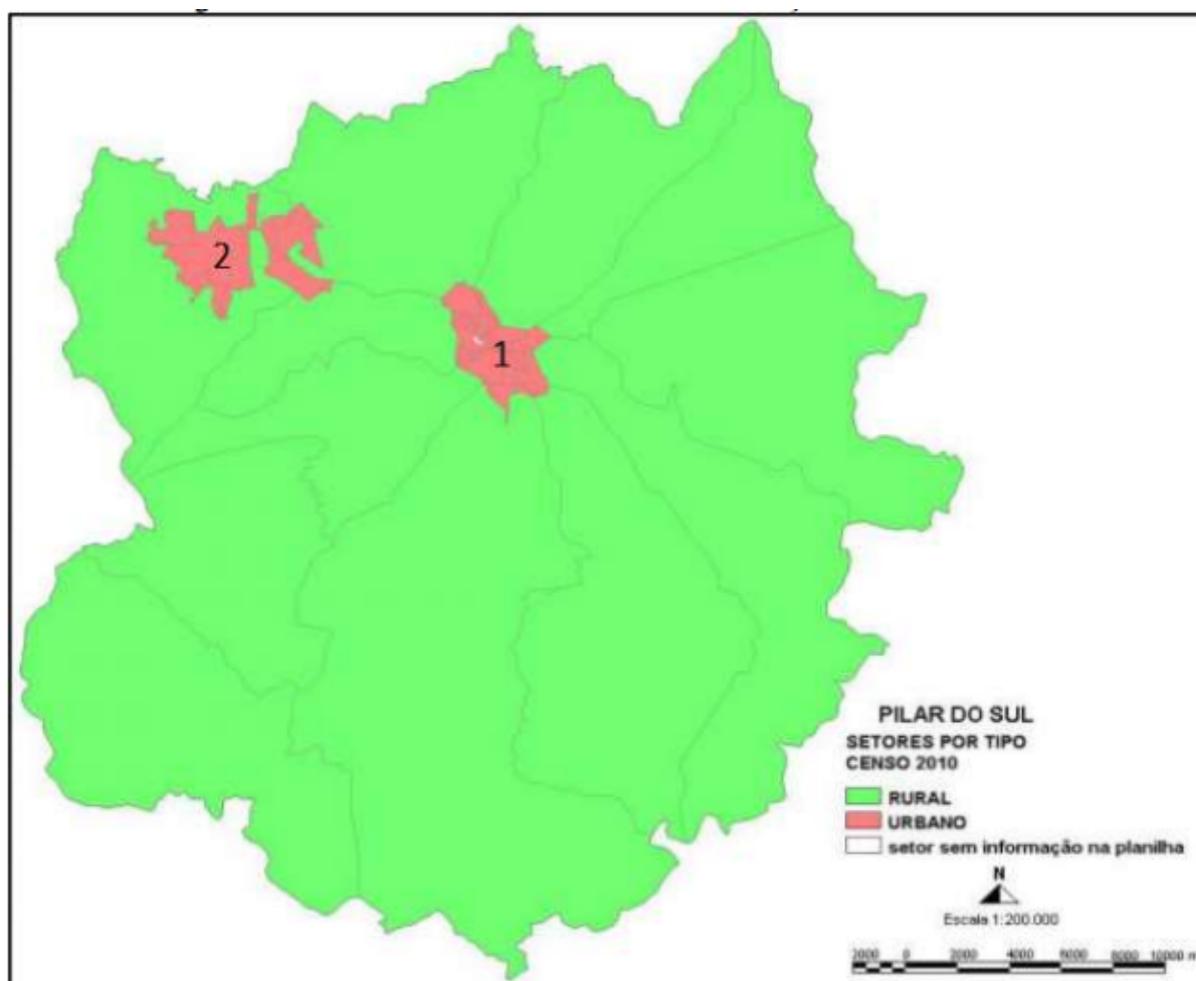
Dentre os pontos selecionados na cronologia histórica do senhor Deodato, também é interessante destacar a separação ocorrida no ano de 1874, quando é dito que os legatários de Tenente Almeida (seus escravizados — que assumem seu sobrenome Almeida) separam suas terras herdadas das terras do grupo dos Vieira. Esse segundo grupo, também de ex-escravizados, agora emancipados, haviam herdado as terras da esposa do Tenente Almeida; adotando este outro sobrenome, contudo. Esse ponto se torna relevante quando notamos, novamente, o comentário seguinte que selecionamos, sobre o ano de 1889: o casal dos Vieiras havia vendido sua parte da herança da Fazenda Pilar para a Câmara Municipal de Pilar do Sul. Talvez tenha sido essa a fonte de Felix (2005, p. 15), a família dos Vieiras, quando diz que os “escravos” “dividiram-na (Fazenda do Pilar) em lotes e venderam alguns”; contudo, ainda estaria equivocado o complemento, em que diz que “venderam alguns a estranhos, que aqui vinham em busca de terras”, pois essas terras foram adquiridas pela Câmara Municipal, não por estranhos. Sobre a divisão da Fazenda Pilar, senhor Deodato confirmou que havia uma separação de três partes, inicialmente: as terras dos Almeidas — sua descendência, e também a do quilombo pilarense; as terras dos Vieiras; e o Centro, administrado pelo Poder Público.

A antiga Fazenda do Pillar se transforma em Vila de Pilar — sendo promovida ao nível de Paróquia — no ano de 1877. João Batista Ribeiro, explorador e minerador que chega às terras pilarense em busca da extração de minérios é quem busca a autorização do Bispo da época, a obtendo por lei Providencial. Assim permanece a Vila de Pilar, pertencendo ao município de Sarapuí, até que conquista sua posição de município, no ano de 1891. Por conta das dificuldades em seu desenvolvimento nas primeiras décadas do século XX, entretanto — tanto por conta de problemas na agricultura, referentes ao seu relevo

acidentado, quanto pelos problemas de vias de acesso para o local, também tendo em vista o mesmo relevo —, houve um pequeno regresso na autonomia política entre os anos de 1934 e 1936, quando se torna distrito de Piedade e, posteriormente, readquire sua emancipação (PMISB, 2014).

Hoje, a organização do espaço do município de Pilar do Sul pode ser dividida a partir de categorias de análise do uso do solo, como na separação do território em zonas urbanas e zonas rurais. Segundo levantamento dos setores censitários levantados pelo IBGE no Censo Demográfico de 2010, podemos concluir que o município possuía duas principais áreas urbanas, conforme vemos na Figura 7, a seguir.

Figura 7 – Áreas urbanas e rurais do município de Pilar do Sul



(Fonte: IBGE, 2021).

- 1) Área urbana da sede municipal de Pilar do Sul;
- 2) Área urbana do conglomerado de bairros Jardim Cananéia e Chácaras Reunidas, ao noroeste do município.

Na área urbana central do município de Pilar do Sul, percebemos a distribuição de alguns tipos de atividades, tais como o uso residencial, mas também comercial, de

serviços diversos e ainda o uso oficial (institucional). É o núcleo urbano, que se estende entre diversos bairros limítrofes. A segunda área urbana que identificamos em Pilar do Sul é a que se estende entre os bairros Chácara Reunidas e Jardim Cananéia. Nesse espaço, as funções se distribuem entre o uso residencial e as chácaras recreativas. Apesar disso, percebemos que a área predominante do município de Pilar do Sul — embora menos povoada — é a sua zona rural. Majoritariamente, os bairros rurais do município se ocupam de reflorestamentos e culturas, envolto por matas nativas que se concentram, principalmente, no entorno dos rios. Se encontram ali os núcleos de entrada, e juntos deles os bairros rurais do município de Pilar do Sul — incluso o Pombal, entre eles.

A agropecuária continua sendo, hoje, a pauta privilegiada na economia local. Citando os principais itens, temos a produção de frutas, hortaliças e olerícolas, além da criação de animais para consumo, temos também uso significativo da pecuária de produção de diversos fins (pecuária leiteira; produção de queijo; etc.). Estudos como os de Moreira (2012), entretanto, apontam para o crescimento de uma lógica mercadológica no município, estimulada pelos novos interesses de consumo e lazer, provocando mudanças em sua estrutura produtiva, ao mesmo tempo em que há manutenção da estrutura fundiária. Segundo a autora, isso é identificado a partir da continuidade hereditária das terras de pequenos agricultores, por conta de retorno econômico da agricultura em muitos casos. Essa estrutura é pertinente nos estudos do bairro rural do Pombal, por perceber-se, através das entrevistas, conversas e observações, a mesma lógica: os filhos dão continuidade à produção das terras herdadas de seus pais, ainda que com mudanças na cultura. Portanto, de forma mais específica, o bairro do Pombal possui produção predominante na fruticultura e pecuária (produção de leite e derivados) (MOREIRA, 2012, p. 44). Durante as entrevistas e observações em campo, ambos também foram os pontos mais citados como seus processos produtivos e econômicos. Entretanto, também é notório no bairro o surgimento de novos interesses de lazer, como apontado por Moreira. Isso esteve facilmente verificável no fato de ser um bairro muito relacionado, por visitantes, em especial, à Pousada Ilha do Pombal — espaço privado no bairro que atrai turismo de toda a região (**Figura 8**). Por fim, sobre seus processos produtivos e financeiros, ainda que sejam de caráter econômico, não deixa de possuir uma forte carga simbólica o fato de que o bairro do Pombal possua, mesmo em sua estrutura de trabalho, a presença da característica das *permanências adaptativas*.

Figura 8 – Placa de direcionamento para a Ilha do Pombal



(Fonte: LIMA, L.D.B., 2021)

Percebemos portanto que, da mesma forma que já estava apontada no texto de Bombardi (2004), o Bairro do Pombal não possui como característica central o isolamento. Devido à proximidade física e econômica com a sede do município, e também ao seu acesso a infraestruturas e serviços públicos tradicionalmente relacionadas ao urbano (posto de saúde, transporte escolar, energia elétrica, coleta de lixo, etc.) – como observado por Moreira (2012), em um dos poucos estudos acadêmicos a trazer informações sobre a área do Bairro do Pombal –, percebemos que, no contexto contemporâneo, são outras as características que se revelaram essenciais para a permanência, e a designação da identidade de Bairros Rurais como o do Pombal, já que eles têm demonstrado uma relação complexa entre o rural e o urbano, o tradicional e o novo, na condição atual. Tais características podem ser interpretadas, a partir da bibliografia analisada, como integrantes fundamentais da identidade de um Bairro Rural – tendo sido repetidas desde os primeiros estudos até os mais recentes.

Dessa forma, o bairro rural do Pombal atraiu a atenção deste estudo por sua natureza de permanência adaptativa: um espaço que acolhe as transformações fazendo

delas complementos à sua essência, mas sem perder as características fundantes, que fazem com que seus moradores se identifiquem entre si, e com ele. Sintetizaremos nossa abordagem teórica, presenciada até aqui, em nosso objeto de estudo. Iremos, a partir de agora, compreender e refletir sobre o bairro rural do Pombal, como as marcas-matrizes, que desvelam sua paisagem, se adaptaram frente às transformações da modernidade, e o que essas (im)permanências evidenciam sobre as relações de identidade presentes nesse espaço.

3 As paisagens do bairro rural do Pombal: uma travessia

“Dois rios diferentes - era o que nós dois atravessávamos?”
- João Guimarães Rosa (Grandes Sertões: Veredas, 2019).

Figura 9 – O ar entorpecido das estradas do Pombal



(Fonte: LIMA, L.D.B., 2021).

Os momentos deste trabalho que vindicaram visitas à campo tiveram itinerários parecidos. O bairro tem como principal via de acesso a Rodovia Nestor Fogaça (SP-250). Os trajetos que perpassam o portal de entrada da cidade ou a saída interna para o município de São Miguel Arcanjo culminam nessa exata pista, que no desvio da Estrada Vicinal Benedito Antonio Brisola, nos dá acesso ao nosso objeto de estudo. Nesse caminho, sente-se que o ar está entorpecido (**Figura 9**), como se já estabelecesse o ritmo distinto do Pombal enquanto se abre ao visitante. Foi através das duas estradas que tivemos nosso contato com o bairro rural. Dois também são os rios entre os quais o Pombal se estende: o rio Claro e o rio Pinhal. Cada um dando fins e inícios diferentes aos seus três bairros adjacentes – os bairros do Pombal, Claro e Ponte Alta. É o Pombal que acompanha de entremeio ambos os percursos, na espera pelas quebras que permitem seu encontro –

confluência que, segundo alguns moradores, forma, nas extremidades do bairro, a nascente do rio Itapetininga (embora hajam divergências sobre essa interpretação). Ele não é o bairro de um rio, nem do outro: é um espaço que atravessa esse duplo.

Diante de nosso tema, a ideia foi clara desde o princípio: buscar em todas as etapas da pesquisa uma Geografia firmada sobre o espaço que chamamos *mundo-da-vida*; pois, a geografia, como dito por Dardel (2011, p. 33) “não é, de início, um conhecimento; a realidade geográfica não é, então, um “objeto”; o espaço geográfico não é um espaço em branco a ser preenchido a seguir com colorido.”. Havia então a necessidade de revelar paisagens em suas essências, e para tal as interpretamos como marcas-matrizes. Mas não seria possível realizar nada disso se não partíssemos de metodologias de campo que nos permitissem experimentar da *geograficidade* dardeliana, intencionar o bairro em todos os sentidos, através das vozes de quem o habita, e da vivência livre do espaço em si. Desvelar paisagens como marcas-matrizes exige que saibamos lidar ao mesmo tempo com a presença e as ausências que cada paisagem implica, com o físico e o imaterial.

Durante os trabalhos de campo, portanto, buscamos experimentar tudo o que era visto ou não visto, mas implicado, em cada paisagem. Deixamos que ela se revelasse em todos seus símbolos, sua espiritualidade, sua morfologia, mas também em seus efeitos físicos, psicológicos, sentimentais e sensoriais. Para isso, contudo, notou-se que não bastaria qualquer nível, por maior que fosse, de imersão no cotidiano do bairro por parte do pesquisador, fosse em vivências comunitárias, individuais, percepções exclusivamente subjetivas ou a busca pelas mais objetivas documentações que ajudassem a explicar o bairro do Pombal — sua realidade estaria além do plano teórico ou analítico, contemplativo ou racional. Tudo isso pois, para a construção de uma relação ontológica com o espaço, tanto nas reflexões do trabalho quanto nas próprias experiências físicas, seria necessário reaver pontos de vistas dos *de dentro*. Por mais interessado que seja o pesquisador em uma atitude natural, sempre haverá um distanciamento, que parte de onde faltam as vivências desafetadas, de banalidade para com aquele espaço. Por mais que se suspendam as descrenças, ele não deixa de ser um *de fora*.

Dessa forma buscamos, durante os trabalhos de campo e processo da escrita, deixar ressoar as vozes dos *de dentro*, para que assim a paisagem, em suas marcas-matrizes, pudesse ser desvelada em si própria: sem implicações externas ou *apriorismos*. O próprio texto irá ecoar essas vozes, como será visto em seguida, pelas vias da transcrição de alguns relatos. Tais registros e experiências não nos conferiram respostas concretas sobre os questionamentos, nem nos providenciaram certezas sobre alguns assuntos — mesmo porque sabemos estar lidando, majoritariamente, com registros de memórias, que em alguns momentos podem se mostrar elusivas, se misturando com a imaginação e culminando em uma certa vaguidade acerca da recordação. Esse registro da memória, que se torna, na verdade, uma forma de reviver uma percepção passada, acaba sendo um grande exemplo do complexo de presenças e ausências que vimos ao longo do trabalho no bairro rural

do Pombal, tanto nos espaços que remetem suas ausências, quanto nas recordações ouvidas. Citando Sokolowski (2004, p. 77), temos que nas recordações, o passado “vem à vida novamente, junto com as coisas nele, mas vem à vida com um tipo especial de ausência, uma que não podemos superar indo para nenhum lugar”. Nos restou aceitar que, nas marcas-matrizes do bairro do Pombal, existiriam vazios do passado, mas que, quando revitalizados pelo exercício da memória, preenchem ainda mais o sentido da paisagem, por serem também as *matrizes* que a sustentam como *marca*.

Constatamos que o Pombal é um bairro rural que possui em suas *permanências* a essência que o preserva como *bairro rural*, se sentindo como um e exalando esse espírito, mesmo em frente à adaptações estruturais forçadas pelo contexto da modernidade. Essas permanências, entretanto, devem ser vistas por um prisma mais abrangente e maleável, pois não podem mais ser comparadas às características dos bairros rurais estudados pelos grandes teóricos do tema, no século XX, apesar de ainda possuírem muitos fatores em comum. As permanências são adaptáveis e flexíveis, incorporando o novo no velho em muitos casos; sendo que, é justamente essa maleabilidade que faz com que a categoria de bairro rural continue sendo objeto de estudos da Geografia no século XXI, sem que tenha adaptado, no entanto, suas características fundantes.

Suas marcas-matrizes são suas características singulares, que se apresentam de forma material e imaterial, e que preservam o bairro como um espaço que jamais deixou de emanar os mesmos sentimentos: de pertencimento; de religiosidade; das relações de vizinhança; das relações específicas com a terra e o trabalho; e de hereditariedades. Iremos dissertar sobre como essas permanências paisageiras foram assimiladas pelo nosso trabalho, partindo da aplicação das diferentes etapas da pesquisa.

3.1 As marcas-matrizes do bairro rural do Pombal

Um dos primeiros questionamentos a se impor em nossa pesquisa, ainda no ano de 2019, foi sobre a origem do nome do bairro do *Pombal*. Várias hipóteses se levantaram, pressuposições de histórias que poderiam ser encontradas no bairro, ajudando a explicar o significado histórico, e também, com sorte, compreender mais sobre as lógicas e os pensamentos fundadores do local. O nome de um bairro, em especial quando falando sobre bairros rurais, muitas vezes indica fatores basilares de sua existência, de algum modo, sendo que essa característica já foi observada por autores do campo desde seus primeiros escritos:

“os nomes dos bairros indicam até certo ponto sua origem ou o fator mais importante de coesão social entre seus habitantes, como a capela. Embora muitos ostentem nomes que derivam de um acidente geográfico, como “bairro do Guaxindiva”, “bairro da Matizada”, “bairro do rio do Braço” etc., outros indicam claramente sua origem familiar, ligada à subdivisão da terra por herança. Temos assim o “bairro dos Amaraes”, o “bairro dos Gonçalves”, o “bairro dos Neves”, o “bairro dos Melos”, o “bairro dos França” e muitos outros. Não menos numerosos são os que emprestam seu nome do santo sob cuja invocação foi construída a capela, tais

como o “bairro de Cruzeiro de Santa Bárbara”, “bairro de Santa Rita”, “bairro de Santa Cruz”, “bairro de Santa Lúcia”, “bairro da Aparecida”. (MÜLLER, 1946, p. 142)

Apenas de acordo com as hipóteses de Müller, já encontramos, por exemplo, sugeridas algumas características mais historicamente associadas como fundantes de bairros rurais: o fator religioso; os laços de parentesco; a devoção sagrada; as morfologias marcantes. Entretanto, o bairro do Pombal foge, pelo menos de princípio, a uma referência direta às suas marcas-matrizes em sua denominação. Existe, entre os moradores do bairro, duas interpretações para sua nomenclatura. A primeira delas, contada por alguns moradores em conversas informais, era simples: o bairro do Pombal assim se chama porque era conhecido, em sua fundação, como uma área em que se concentravam muitas dessas aves. Dizem ainda que havia, entre os caçadores do bairro, o costume de caçar pombas, por tal facilidade. A segunda versão, encontrada também no texto de Moreira (2012, p. 233) foi citada em poucos relatos — menos do que a versão anterior —, tendo nos dito acerca da origem dessas pombas: elas teriam sido propriedade do patriarca da família Ferreira de Campos ainda na fundação do bairro, o que fez com que ficasse conhecido por conta daquela particularidade. Essa versão, tendo sido contada especialmente por descendentes da família Ferreira ou Campos, se não se torna excludente da versão anterior, no mínimo dá a ela um outro lado. Mas, de forma mais importante, ela nos dá o gancho para falarmos da primeira marca-matriz identificada no bairro do Pombal: os *laços de parentesco*.

• **Laços de parentescos**

Percebemos logo de início que um dos elementos fundadores do bairro rural do Pombal é a própria relação que diz respeito aos laços de parentesco, e determinada continuação da hereditariedade ao longo dos anos. Isso foi se comprovando a partir de cada relato durante os trabalhos de campo, nos deparando quase sempre com grupos de alguns sobrenomes em particular. Dentre os que mais encontramos, à nível de conversa ou de citação, podemos citar alguns, tais como: Ferreira, Brisola, Campos e Vieira. Os estudos de Moreira (2012, p. 233) ainda encontraram sobrenomes como Domingues, Rodrigues, Proença, Gonçalves e Gomes Ribeiro. De qualquer forma, não é o levantamento de nomes em si que nos interessa aqui, e sim suas implicações. Especialmente entre os quatro primeiros citados, encontramos não só os moradores atuais do bairro, como também os sobrenomes de alguns de seus pioneiros, da fundação há mais de um século atrás. Essas famílias foram se expandindo e dividindo terrenos, de forma com que hoje grande parte do bairro seja delineado por parentescos mais ou menos próximos — muito embora haja a impressão de que a tendência é a lenta dissolução desses laços, pela entrada de novos moradores de fora no bairro e a possível mistura entre antigos e novos habitantes.

Em um dos relatos registrados, o entrevistado Airton Brisola traça uma breve genealogia sua e de sua esposa, Ana Aparecida — da qual falaremos mais à frente — dizendo:

Mais no tempo antigo, a gente só ouvia falar (das famílias) dos Ferreira e dos Brisola. Hoje já misturou muito, com as pessoas que vieram de fora também. [...] Dos mais antigos daqui, eu cheguei a conhecer as minhas avós, meus avôs já eram falecidos quando eu nasci. Os avôs da Ana também, que ela chegou a conhecer, eram todos daqui. (O avô) da Ana é João Ferreira de Campos, não é, Ana?! Portanto, tem também João Ferreira de Campos Filho. E do meu avô era João Brisola. A avó da Ana (se chamava) Dionísia Maria de Jesus – que tem a placa (dá nome à estrada que passa pelo bairro do Pombal). O nome da minha avó também era Dionísia. [Depoente Airton Brisola, Pilar do Sul/SP. 2021].

Os Ferreiras e os Brisolas são considerados por grande parte da comunidade como os fundadores do bairro rural do Pombal. Os relatos inserem seu início ainda no contexto do século XIX, com o início da ocupação do terreno de posse de Joaquim Ferreira de Moura, que se estendia entre os rios Claro e Pinhal. As terras passam a ser divididas entre seus herdeiros após sua morte, e as famílias começam a se espalhar por toda a redondeza do bairro, no início do século XX. Os relatos sobre a origem do nome do bairro se encontraram com esse momento, pois um dos herdeiros de Joaquim Ferreira era seu neto, João Ferreira de Campos — avô de Ana — seria o dono das pombas que teriam o denominado. O terreno em que moram e produzem é, inclusive, herança deixada por seu avô, somente dividida entre algumas outras famílias. A história das famílias, portanto, se confunde com a própria história do bairro do Pombal.

Isso não se limita, porém, ao passado distante do bairro. Os laços de parentesco continuam sendo refeitos a partir das sucessivas uniões por casamento, sendo que apenas esses sobrenomes já apresentam inúmeras combinações distintas dentro do bairro; condição que continua sendo hoje matriz atuante no bairro rural do Pombal por conta das permanências dos filhos dos moradores. O casal Airton e Ana possui cinco filhos e alguns netos, sendo que vários deles continuam moradores do bairro do Pombal, habitando e produzindo ainda dentro do terreno legado da família Ferreira Campos. Os netos já usufruem das novas estruturas urbanas que são recepcionadas no bairro rural (transporte escolar, por exemplo) para vivenciá-lo em seu estado atual: as maiores conexões com a cidade não alteram suas características fundantes, tal como essa matriz, que permanece.

O terreno em que moram Ana e Airton, portanto, é dividido entre as famílias provenientes de si. Nascidos no bairro do Pombal, o casal ali vive desde então, conhecendo e sendo parte de todas as suas tradições e das histórias dos últimos cinquenta anos do bairro. As referências que nos levaram até a eles, que moram em área relativamente periférica do Pombal, foram parentes e conhecidos, embora todos os conheçam principalmente por suas produções: Airton é produtor, principalmente de uvas, enquanto Ana tem seu nome conhecido em toda a região por sua marca, *Ana do Queijo*. Sua produção é grande e revendida em mercados e supermercados, além de sua própria distribuição e comercialização direta. Como duas das figuras mais conhecidas e conhecedoras do bairro, buscamos aproveitar nossas visitas, que se repetiram algumas vezes, com horas de diálogos registrados e mais algumas sem registro.

Outros entrevistados também apresentam origens genealógicas que remontam aos patriarcas do bairro do Pombal — majoritariamente entre Ferreiras, Brisolas e Campos. É comum encontrar partes de uma mesma família em áreas distintas do bairro, muitas vezes até mesmo com menor grau de relações entre si. Essa característica acaba, portanto, se confundindo em partes com outra marca-matriz presente no bairro rural do Pombal: a das *relações de vizinhança*.

- **“O povo é uma corrente!”: Relações de vizinhança**

Como uma das principais características vistas nos trabalhos sobre bairros rurais analisados, já havia certa expectativa para compreender as relações de vizinhança vividas no bairro do Pombal. Apesar disso, nos esforçamos para não implicar características ao bairro, e deixá-lo se desvelar sozinho, a fim de manter nossa abordagem de acordo e conseguir identificar suas marcas-matrizes. Não poderíamos dizer que foi de surpresa, entretanto, nos deparar com um sentimento de vizinhança ainda latente e autoconsciente ao longo de nossas investigações. Mas foi sim refrescante abordá-lo em nossa perspectiva, sentindo de forma mais solta seu caráter. Essa permanência paisageira do bairro rural do Pombal é, inclusive, uma das que melhor ilustraram o caráter indissociável das marcas e matrizes do bairro: não há como fragmentá-las nem a fim de análise, pois são complementares e unidas a partir do caráter trajetivo da paisagem, como dito por Berque (1996, p. 83). A *matriz* que gere a união entre a comunidade do Pombal é sustentada pelas *marcas* que estruturam o bairro, de forma quase parabólica.

Uma das moradoras com quem mais conversamos foi “Dona” Maria Ferreira, que visitamos em mais de uma ocasião. Maria é uma das moradoras nativas do bairro que nunca se desvincularam de seu lugar. Provinda de um dos mais comuns sobrenomes do bairro, é também parente de algumas das mais conhecidas figuras do Pombal, conservando a hereditariedade característica do bairro rural com sua família, ao ter filha e netos também moradores e vizinhos. Sobre seus laços no bairro, ela diz:

Daqui eu não saio! Eu gosto dos meus vizinhos, são todos parentes. Tudo pé vermelho! Mesmo quem não é parente... eu tenho só amigo aqui. Não sou de mal com ninguém, mesmo que alguém não goste de mim, eu gosto. Sempre que alguém passa, vão trabalhar, vão para a cidade, ou eu saio para a rua, passo na pista e vejo o pessoal: “oi, tudo bem?”, e a gente conversa. [Depoente Maria Ferreira, Pilar do Sul/SP. 2021]

Maria identificou diversas vezes a Igreja como local de referência das interações sociais da comunidade, apesar de ter citado também outros pontos, tais como: a rua; a antiga escola, onde estudou, e em que fundou longínquas amizades; os eventos e cerimônias cediados no bairro. Contudo, não raro, mesmo essas relações se firmem através da religiosidade e seus desdobramentos. Por exemplo: um dos atuais mascotes da comunidade, sobre o qual vários moradores compartilharam e que tivemos a oportunidade de conhecer era o cão Eduardo. Cego de um olho, o animalzinho carismático conquistou a comunidade

invadindo casas e frequentando rigidamente às missas na capela do bairro. Se tornou um assunto entre os moradores dessa forma. O conhecemos na casa de Maria, no aguardo pelas sobras de um café da tarde.

Dona Ana, a quem citamos anteriormente, também divide sobre a união da comunidade do Pombal, afirmando de início que, para ela, “o povo é uma corrente!”:

É bonito. Eu acho que o povo do bairro é um povo solidário. Eu tenho o povo do bairro como solidário, porque sei que se eu precisar, eles me estendem a mão. Eu não acho nenhum povo daqui ruim. Não vou muito na casa deles – porque eu não sou de sair, já disse pra você – mas não que eu não goste das pessoas. Eu às vezes sento e lembro de ciclano, aí às vezes eu rezo por eles, ponho eles nas orações. Mas é um povo muito solidário. Fazem muitas doações: quando eles pedem as coisas, a gente ajuda em tudo. De vizinho em vizinho, às vezes vamos de casa em casa. Pega um do grupo e vem pedindo, quando tem algumas pessoas que não têm. [...] Eles geralmente pedem pra outras pessoas – ciclano está precisando, a gente arruma pra eles. [Depoente Ana Aparecida, Pilar do Sul/SP. 2021]

Sendo assim, Dona Ana estabelece que a esfera de vizinhança do bairro rural do Pombal é de caráter beneficente, caritativo, não apenas entre si, mas também para fora de si. A característica das arrecadações foi citada pela maioria dos moradores entrevistados, dando a entender ser uma prática recorrente ainda atualmente no bairro do Pombal — tendo os que fizeram questão de esclarecer que, durante a pandemia, esta se intensificou ao invés de ser diluída, como talvez se presumisse por conta do aspecto distanciador das medidas sanitárias do período. As pessoas que foram mais atingidas pelas consequências econômicas da pandemia adicionaram esse fator a uma série de outros com os quais já conviviam, agravando ainda mais a situação de muitos. Além das arrecadações comunitárias, “de casa em casa”, como dito por Ana, presenciamos diversos projetos religiosos, como os Bazares Beneficentes ocasionais, com o mesmo objetivo benfeitor, que podemos evidenciar como reveladores dessa matriz de pensamento, disposta através de suas marcas.

O relato que mais nos chamou a atenção para essa expressão paisageira do bairro, não obstante, foi o de Dona Trindade, que recupera essa característica em suas lembranças de infância, crescendo entre o bairro rural do Pombal e o bairro do Claro, e sendo, em síntese, formada na comunidade, a que chama *Irmadade*:

A irmandade, nós usávamos um a roupa do outro, não tinha isso de roupa da moda, nada disso! [...] Agora é bem diferente, ninguém coloca a roupa do outro porque não gosta. Mas a gente foi criado até com a roupa alheia, de um passava para outro. E era todo mundo assim, todo mundo humilde e igual. Alguém precisava de uma roupa, a gente fazia a trouxinha de roupa e já levava. Ajudava a vizinhança toda. E falando em ajudar, a gente fazia mutirão. Às vezes tinham as pessoas que estavam apuradas, que precisavam de um pouco de feijão, e reunia aquela família. Aí as mulheres levavam a comida na roça. A minha sogra levava em lata de querosene, colocava na cabeça. Tinha feijão cozido, baldeava na cabeça para a turma, a outra com mistura. . . era assim. Levavam arroz. . . colocavam todas as vasilhonas, achavam um lugar, sentava e vinha todo aquele povaréu. Uns tiravam da caçarola e baldeavam pra outra caçarola. Tudo no chão. O mutirão a gente fazia na roça. Era, que nem, para a turma ir colher o arroz. Às vezes tinha um parente seu que estava precisando, se reuniam: “vamos lá ajudar que ele está apurado com o serviço dele, tá atrasada a plantação – vamos colher!”. Às vezes, quando

tinha criação, tinha pasto sujo para roçar, se reunia também aquele mutirão de gente para roçar. Chegava à tarde, aquele monte de terreno, tudo limpinho já. Tudo na foice. [Depoente D.^a Trindade, Pilar do Sul/SP. 2021]

Nossa visita à Dona Trindade e sua mãe também nos rendeu algumas horas de registros, sendo ambas duas das moradoras mais antigas do bairro e, portanto, com as memórias históricas mais carregadas. Dona Trindade nasceu no bairro do Claro, indo morar no bairro do Pombal junto de sua mãe na casa de seu marido, Benedito Brisola, nativo do bairro, após o casamento. Mora no bairro há mais de 40 anos. Diz que o bairro já era grande naquele momento, com as famílias Brisola e Ferreira formadas e ocupando grande parte do seu território – fosse para moradia ou plantações.

Em seu relato acima, percebemos que a característica solidária do bairro do Pombal não está apenas associada aos aspectos religiosos e de vizinhança, mas até mesmo nos de trabalho. Os chamados *mutirões*, arrecadação de alimentos em cooperação, eram naquele momento organizados pelos próprios trabalhadores do campo. Além do ato de compartilhar dos alimentos entre pessoas que compartilhavam também do labor, o relato de Dona Trindade projeta na imaginação um rito de comunhão entre aquelas pessoas, se acomodando no chão da roça todos juntos, comungando da repartição dos pratos, manejando as colheres de pau nas caçarolas e se contentando juntos após um dia de árduo trabalho. Também há uma carga de saudosismo em sua fala, pela ausência desses encontros de vida na atualidade. Os intencionando, porém, ela os traz de volta à vida, os ativando para que sejam revividos em todos seus sentidos pelo caminhar das lembranças.

• Terra e trabalho

No trecho citado do relato de Dona Trindade, há uma referência às culturas cultivadas nas terras dos bairros do Pombal e Claro em sua época de trabalho. Segundo ela, o arroz e o milho eram as culturas preponderantes, naquele momento. Fez questão de enfatizar a todo momento que era grande a predominância da agricultura como sistema de trabalho, naquela altura; todavia, as plantações que abrigavam o maior número de trabalhadores eram referentes à agricultura de subsistência. Evidencia certo apreço nas lembranças dessa forma de trabalho, dizendo:

A nossa vida foi lutada mesmo. Tudo criado na roça, no duro. Quando casei, casei na plantação, a gente plantava muito feijão, milho, ele (seu marido) a mesma coisa, continuamos na lavoura. [...] A turma fala: “vida sofrida...”, não! Era uma vida boa. Era bem melhor, eu acho, do que nos tempos de agora. Era, porque todo mundo se virava, ninguém tinha luxo. [Depoente D.^a Trindade, Pilar do Sul/SP. 2021].

Por ter conquistado toda sua vida na lavoura, a relação que parece emanar entre trabalhador-terra é de dependência; mas também, de cumplicidade. Vários foram os momentos em que se falava da terra, do labor sobre ela como uma prática cotidiana, algo a ser feito; mas que evidencia uma ligação íntima, profunda para com ela, em um nível que parece distante dos ambientes urbanos e da relação ocidental para com a paisagem, após

a Modernidade. Percebemos que, dentre a maioria dos moradores do bairro do Pombal, não se pensa sobre a paisagem; existe, porém, um pensamento paisageiro que a transforma. Muitos deles não contemplam a beleza de sua área, que poderia nos parecer evidente. Entretanto, são os mesmos que a preservam e tiram da paisagem seu sustento, como uma espécie de sociedade. Dona Maria confirma o caráter de subsistência das práticas agrícolas do bairro, contando sua experiência de trabalho:

Mexia só com plantação. Era pequena agricultura, nada de plantação grande. Mas a gente plantava de tudo: feijão, milho, arroz. A gente dependia, para viver, né?! Não era para venda. Eu trabalhava desde os 11, 12 anos. Era todo mundo assim. [Depoente Maria Ferreira, Pilar do Sul/SP. 2021].

Corroborando essa perspectiva o senhor Airton, que embora também ajude Dona Ana com as produções Ana do Queijo, trabalhou por toda sua vida — e continua ainda hoje — com a agricultura; por muito tempo, em parceria com a própria Ana.

Trabalho sempre tem. Se você não acaba com o trabalho, ele acaba com você. Falam em vir para o sítio, já pensam que é só para descansar. . . só se já tiver oi dinheiro, não precisar viver disso, porque nós vivemos. A nossa luta foi viver do sítio: tem que tirar da terra para poder viver. Não é pensar no sítio para lazer, não. É trabalho. Hoje é mais fácil até com a terra. [. . .] Quando nós viemos para cá, todas as coisas que eu ia baldear — eu e ela — era no ombro. A máquina era o ombro. Era uma máquina para catar feijão, porque era a gente que baldeava. [Depoente Airton Brisola, Pilar do Sul/SP. 2021]

Em suas observações, contrastando sobre os *de fora*, que lidam com o bairro rural em uma perspectiva de descanso, lazer, e os *estabelecidos*, que necessitam do sistema agrícola para sobreviver, sob o suor da labuta, Airton evidencia novamente uma diferenciação entre o que vimos anteriormente Berque (2008) chamar de pensamento paisageiro (*paysagère*) e o pensamento da paisagem, demonstrando que a matriz operante entre os *estabelecidos* do bairro rural do Pombal se dá a partir de um *pensamento paisageiro*; ou seja, que suprime o valor contemplativo da paisagem pelo valor utilitário do trabalho agrícola.

Não somente da agricultura vive o bairro do Pombal, porém. Como citamos previamente, também encontramos fortes no bairro os setores industrial (presença de serrarias e áreas de exploração florestal); e comercial, com nota especial referente à mercearia do bairro (**Figura 10**), *Mercado Pombal*, fundada há cerca de 20 anos, segundo funcionários entrevistados, e que pretende permanecer se expandido, de forma com que permanecer hegemônica no bairro. Um depósito é encontrado logo ao seu lado, onde podemos encontrar também o escritório do proprietário do comércio. Por fim, também devemos enfatizar a produção pecuária, na qual se destaca, além da produção leiteira bubalina, citada anteriormente, também a produção de derivados. Nesse caso, a referência máxima do bairro é Dona Ana, com sua *Ana do Queijo*.

Figura 10 – Mercado Pombal, a mercearia do bairro



(Fonte: LIMA, L.D.B., 2021).

O negócio da Ana do Queijo começou a funcionar financeiramente a partir do momento em que pararam de produzir por conta própria o leite, passando a comprar de parentes produtores de leite, dentro do bairro rural. Dona Ana critica muito as antigas medidas sanitárias da Casa do Agricultor, que segundo ela, queriam derrubar seu fogão, fechar o negócio, entre outras medidas. Em seguida, *Ana do Queijo* recebeu repórteres do programa televisivo *Globo Rural* para uma matéria, que além de esclarecer a legalidade do seu método de trabalho, ainda atraiu turismo e conquistou novos clientes, que permanecem fiéis mesmo à distância, em muitos casos, segundo Dona Ana.

Figura 11 – Placa indicativa da Chácara Ana do Queijo



(Fonte: LIMA, L.D.B., 2021).

Os relatos de Dona Ana e Seu Airton expressavam a insatisfação do pequeno agricultor para com o tratamento recebido pelos órgãos de apoio ou fiscalização governamentais. A impressão que havia era a de que existia uma desigualdade nos tratamentos para com os pequenos e para com os grandes agricultores – sendo que os últimos não recebiam punições suficientes para suas ações ilegais, enquanto os primeiros chegariam a receber punições injustas. Ela diz que “a corda sempre estoura do lado mais fraco” e que “se você roubar uma galinha, você vai preso, mas se roubar uma boiada, é capaz que não” [Depoente Ana Aparecida, Pilar do Sul/SP. 2021]. Seu Airton corrobora contando uma parábola de dois ladrões: um havia roubado uma galinha, o outro, o banco. Ele diz que:

[...] os dois foram presos ao mesmo tempo. Daqui a pouco, vem a ordem para o que roubou o banco sair – tá livre. O outro ladrão disse: “e eu aqui? Eu roubei uma galinha e fico preso; ele roubou o banco e vai sair?” – e o guarda falou assim: “o juiz não come galinha.” [Depoente Airton Brisola, Pilar do Sul/SP. 2021]

- **Sentimento de pertencimento**

Outra marca-matriz percebida como constante foi o sentimento de pertencimento;

permanência paisageira persistente desde os primeiros estudos sobre bairros rurais, é conduzido a um nível que pode emular, em certas instâncias, um sentido de quase patriotismo, como já citamos anteriormente ao falar do relato de Candido (2003, p. 79), ao ouvir o bairro ser proclamado como uma espécie de “naçãozinha”. Percebemos isso em relatos que expressavam certas rivalidades bairristas na interpretação sobre a extensão territorial do bairro do Pombal, em comparação com as interpretações de moradores de outros bairros. A delimitação do bairro é, do ponto de vista vertical (extensão da rodovia), consensual em seu início e fim. Todavia, o mesmo não se aplica à sua extensão horizontal, que é sempre convenientemente expandida ou reduzida para abarcar ou ceder bens e recursos de interesse:

[. . .] tem a ponte (da entrada), a ponte que divide com o (bairro) Ponte Alta, vai até a ponte que vai a São Miguel (Arcanjo). Lá a turma fala (que é o bairro) Barra, mas ainda é Pombal. O bairro da Barra existe em Pilar do Sul, mas ali onde tem o encontro dos dois rios, o Rio Claro e o Pinhal, ali é Pombal ainda. É grande o Pombal. É um bairro gostoso de se viver. [Depoente Airton Brisola, Pilar do Sul/SP. 2021].

O senhor Airton ainda expõe seu sentimento de patriotismo acerca do bairro do Pombal em outro trecho, em que diz:

Mas a verdade é que a gente também não. . . se quiserem levar a gente para os Estados Unidos, chegar e dizer: “ô, seu Airton, uma passagem para os Estados Unidos, tudo de graça para vocês”, eu agradeço! Se é de graça, eu agradeço, mas não tem diferença não. Porque aqui para mim é bom demais, para que eu iria precisar? Às vezes uns pensam que outros lugares que são bons no mundo, mas aqui é bom demais, para que eu iria precisar? [. . .] Eu gosto do meu país. Gosto do meu bairro. Gosto desse bairro. [Depoente Airton Brisola, Pilar do Sul/SP. 2021].

O apreço pelo bairro faz com que, em alguns casos, moradores criem um vínculo de quase autossuficiência dentro do bairro do Pombal, se negando a se deslocar sempre que possível (mesmo que devamos considerar também os motivos econômicos referentes aos gastos da locomoção, implícitos em alguns desses relatos e que sabemos ser parte da realidade); ainda que fosse apenas um deslocamento ao centro do município:

A gente não gasta o desnecessário. Se perguntarem pra mim: “quando você viajou?”, eu vou responder: nem me lembro mais. Daqui a gente não sai. Eu mesma, às vezes passa um ano, até um ano, e nem na cidade eu vou. Nem em Pilar eu vou. Se alguém precisa de alguma coisa, eles vêm aqui, eu não vou para lugar nenhum. [. . .] (a gente) não passeia, não fica em praia, não fica em nada, porque a gente é trabalho, e aqui. [Depoente Ana Aparecida, Pilar do Sul/SP. 2021]

Essa pertença, matriz se registra nas marcas do bairro, sendo percebida através do afeto e dos sentimentos atribuído às marcas, e registrados nelas, seja em sentido material ou imaterial; ou seja, mais uma vez, seja em *presença* ou *ausência*. Em muitos dos relatos, portanto, a vinculação do sentimento de afeto pelo bairro do Pombal, através de suas vivências e mitologias, se fez em ambientes hoje desativados, desfeitos ou reutilizados; mas que permanecem vivos como momentos intencionáveis, através das memórias.

Uma dessas marcas mais citadas, altamente carregada dos símbolos submetidos pelos moradores, das mitologias da infância e das histórias do passado remoto da formação

do bairro, é a antiga escola do bairro do Pombal. Dona Ana relembra sua vida estudantil no bairro, há cerca de 40 anos atrás, dizendo:

Sinto falta, porque a escola podia ser aqui mesmo, não precisava ficar acumulando tudo na cidade. Um bairro já grandinho, que tem asfalto pros professores virem, mas não tem mais. Antes dessa última, tinha aquela escolinha, aquela que está toda arrebetada, que a búfala entra lá. Eu estudei lá, naquela escolinha. Era gostosinho estudar lá, sabia?! [...] Lá naquela escola tinha um poço, a gente, antigamente, baldeava a água lá debaixo para a escola. Não tinha energia ali. Aí, na hora do recreio, a professora ia com os alunos e a gente pegava um pouquinho de água para tomar. [...] Agora acho que nem tem mais o poço, já deve ter entupido tudo, coberto... , mas era gostoso lá. [...] Eu estudei, meus filhos estudaram um pouco lá [...], funcionava assim: até a quinta série estudava aqui, depois ia estudar em Pilar. [Depoente Ana Aparecida, Pilar do Sul/SP. 2021]

Figura 12 – Vista externa da antiga escola do bairro



(Fonte: LIMA, L.D.B., 2021).

Embora permaneça no mesmo local, sem modificações institucionais, reutilização ou mesmo sem que fosse desfeita, a escola permanece em escombros (**Figuras 12 e 13**), fazendo parte hoje da propriedade de um dos moradores do bairro, e sendo relatado por diversos vizinhos a constante entrada de animais como búfalos e vacas no terreno, prejudicando inclusive, cada vez mais, a estrutura que abrigava a escola em que estudaram

tantos moradores do bairro. Dona Maria, que também estudou no mesmo local, alguns anos depois, cita algumas de suas lembranças:

Era aquela lousa de pedra, então a professora escrevia ali, você anotava no caderno, e depois na hora já sumia! [. . .] Quando eu tinha uns sete anos, a escola já existia. Pequeninha! Eram umas 30 pessoas, a escola inteira. Não tinha lanche, nada para comer, então a gente ia, estudava, e na hora da saída estava com fome. Não era como agora, que você tem tudo. Agora você sai da aula, tem a sopa, tem o transporte. E tem gente que ainda fala que não está bom! Mas eu tinha uma prima que era mais rica do que eu, então ela levava queijo, e tinha um buraco ali perto do asfalto, em um muro perto do campo. Ali a gente escondia o queijo, debaixo de uma pedra, e depois da aula, a gente ia tudo comer! [Depoente Maria Ferreira, Pilar do Sul/SP. 2021]

Figura 13 – Interior da antiga escola do bairro



(Fonte: LIMA, L.D.B., 2021).

Alguns dos entrevistados expuseram uma mesma história contada por antigos do bairro, em que havia à vista antigamente uma vala construída ao lado da escola. Ela teria sido cavada, segundo esses relatos, por pessoas escravizadas no bairro do Pombal, ainda durante o século XIX. Essa herança escravagista é notória, e já a citamos anteriormente como uma das marcas fundadoras de Pilar do Sul. Entretanto, nenhum dos moradores

do bairro do Pombal entrevistados soube dar profundidade a essa história, ao que fomos consultar novamente o senhor Deodato, citado em capítulo anterior.

Senhor Deodato também pôde colaborar a respeito do tema da escravidão no bairro rural do Pombal — muito embora nunca tenha sido morador dele. Em acesso às suas memórias, Deodato cita uma história contada por seu pai, senhor Adélio Almeida Caetano, acerca de relatos que eram disseminados entre os quilombolas mais antigos. Segundo ele, o bairro do Pombal, que abrigava escravizados em suas sesmarias, também dividia trágicos episódios com seu bairro limítrofe: nas águas do rio Claro, que dá início ao Pombal e fim ao bairro do Claro, teriam sido jogados diversos corpos de escravizados assassinados, em diversas circunstâncias. O fato era, por conta disso, conhecido pelos quilombolas como o evento das “águas criminosas”. Infelizmente, não tivemos tempo de nos aprofundar no assunto, por ter sido o senhor Deodato nosso último entrevistado, já após os trabalhos de campo e fora do bairro do Pombal, e por ser esse ainda um assunto que ainda está em desenvolvimento e pesquisa pelo mesmo. Segundo Deodato, outros descendentes de quilombolas já relataram ter ouvido a mesma história de seus pais e avós, faltando apenas um levantamento mais sistemático dessas declarações. Conta-se que, em consequência ou ato de vingança, os assassinos tinham frequentemente visões de bolas de fogo sendo expelidas pelo rio Claro, que partiam em busca deles.

Os utensílios do cotidiano tradicional também foram lembrados com saudosismo, como uma marca que salientava um modo de vida, uma matriz de pensamento. Há ainda no imaginário coletivo do Pombal as antigas casas feitas de pau a pique; o fogão de barro rebocado: demorava um dia inteiro e vários homens para jogar aquele barro na parede. O sono que era consumado na esteira de palha, as noites sob a luz da lamparina; o cheiro do querosene, do combustível de óleo: memória ainda muito viva, pois há pouco mais de 25 anos desde a chegada da energia elétrica. Imergir as carnes na gordura, a gordura dentro da lata de óleo para conservá-la. Pegar água à balde no rio, tomar banho e lavar roupas no rio; a casa de Adão Ferreira. A metade esvaziada do balde por conta dos balanços no percurso.

• **Religiosidade e festividades**

A religiosidade, em seus aspectos espiritual e cerimonial, pressupõe ao mesmo tempo a comunhão e as festividades que marcam fundamentalmente o bairro rural do Pombal. Apesar de todas as modificações pelas quais a estrutura religiosa passa no Brasil, principalmente a partir das transformações urbanas de meados do século XX, esse aspecto continua sendo uma das permanências paisageiras do bairro, comprovando sua importância basilar no seu contexto. Ela se expressa aqui na figura máxima de sua *capela*. A capela ao Bom Senhor do Bom Fim representa uma marca-matriz do bairro do Pombal, sem a qual o bairro perderia parte de sua sustentação, traços identitários e matrizes de pensamento que o definem.

Figura 14 – Capela ao Bom Senhor do Bom Fim



(Fonte: LIMA, L.D.B., 2021).

A capela, fundada inicialmente em 1910, em outro terreno do bairro (próximo à casa de Airton e Ana), recebeu a imagem de seu padroeiro Bom Senhor do Bom Fim no ano de 1920, vinda da Bahia, após ser abençoada no dia 6 de agosto de 1885. Desde a inauguração da Comunidade, esta é a data da realização da festa do Bom Jesus do Bom Fim. Neste ano, entretanto, não pudemos participar por divergências de agenda, mas tivemos relatos de diversos moradores de que, embora restrita, por conta das medidas sanitárias em combate ao Covid-19, foi um sucesso em arrecadamentos e com massiva participação da comunidade.

Apesar de representar apenas uma das religiões presentes no bairro do Pombal — o catolicismo — em meio a outras que poderíamos aqui citar, percebemos que a capela ultrapassa seu sentido estritamente ideológico, sua matriz de dogmas e crenças específicas: ele é uma expressão da religiosidade em si, dos valores que são atribuídos a este elemento e de formas diferentes de o sentir e vivenciá-lo. É, sobretudo, o espaço de maior convivência e interações entre os moradores do Pombal, localizado em seu centro, em que se compartilham esses modos diferentes de entender a vida em seus aspectos materiais e

espirituais, além de compartilhar os principais eventos e momentos sociais, as principais memórias coletivas geradas pelo bairro rural do Pombal:

A gente é muito católico, da maneira da gente. [Depoente Ana Aparecida, Pilar do Sul/SP. 2021].

Uma das coisas que nos chamaram a atenção sobre o Pombal é a notória liderança matriarcal, especialmente percebida em suas atividades sociais e religiosas, mas também econômicas, por exemplo, como visto em alguns exemplos citados. É a partir da perspectiva delas que trataremos sobre essa última marca-matriz percebida. Nesse quesito, citamos novamente Dona Trindade, que sempre participou ativamente das atividades religiosas do bairro, mas intensificou seu trabalho com o fim das atividades da capela anterior – próxima ao rio Ribeirãozinho – e início das atividades na nova capela, que tem cerca de 46 anos. O espaço se tornou oficialmente Igreja há seis anos.

Atualmente, Trindade é uma das principais lideranças da Igreja do bairro do Pombal, organizando eventos, participando rigorosamente mesmo daqueles que exigem maior vigor físico (na mesma semana da entrevista, havia completado a caminhada da Rota da Fé, percurso de alvorecer por algumas dezenas de quilômetros, além de ser a responsável por preparar o café da manhã para os participantes no destino final, sede da Igreja do Pombal.). Seu sogro, José Antonio Brisola, era o proprietário do terreno em que se instalou a nova sede da Igreja no bairro, doado pelo marido de dona Trindade, Benedito Brisola.

Ao lado da Comunidade do Bom Senhor do Bom Fim, se localizam dois pontos de serviços do bairro do Pombal: o Posto de Atendimento Médico (PAM) “Aline Fernanda de Campos” — o qual não tivemos a oportunidade de ver funcionando, sabendo apenas que, em sua normalidade, opera às sextas-feiras desde sua inauguração, no ano de 2008; e a Comunidade Terapêutica para Recuperação de Dependentes Químicos e Reintegração ao Meio Social (grupo AMA), fundada em 1 de junho de 1998. A associação independente conta com parcerias das prefeituras de Pilar do Sul e São Miguel Arcanjo (convênio com repasse mensal); da sociedade civil (contribuição mensal); de empresas privadas (Suzano Papel e Celulose S.A.) e residentes particulares. Seus residentes frequentam as atividades da Igreja, com exceção apenas do momento pandêmico, em que as atividades presenciais foram restritas, embora continuem recebendo estudos bíblicos, orações e participando de celebrações, com as devidas restrições momentâneas, com diversos grupos religiosos.

Figura 15 – Posto de Atendimento Médico “Aline Fernanda de Campos”



(Fonte: LIMA, L.D.B., 2021).

Figura 16 – Comunidade Terapêutica para Recuperação de Dependentes Químicos e Reintegração ao Meio Social (grupo AMA)



(Fonte: LIMA, L.D.B., 2021).

Seu Airton e a Dona Ana deixaram de frequentar os eventos e cerimônias, por desilusão com questões institucionais e por conta das alterações em algumas tradições cerimoniais. Eles relembram, entretanto, das cerimônias feitas antigamente na antiga capela, que ficava a poucos metros da casa onde moram. Falam sobre a ordem da entrada dos santos, das rezas coletivas, sobre a força das melodias e da comunhão, mas também sobre as festividades. Dentro da Festa do Bom Jesus, tradição do bairro do Pombal, haviam sorteios, leilões de prendas arrecadadas entre a vizinhança, comidas e bebidas e muita música. Todo sexto dia do mês de agosto via a comunhão de grande parte dos moradores do Pombal em alegria e afeto, relação direta entre si e para com seu lugar – seu bairro. A procissão, a missa e, por fim, o leilão. Contudo, esse formato foi amplamente reformado há cerca de duas décadas. Dona Ana relata sobre problemas com a administração financeira dessas festas grandes que eram sediadas pelo bairro, tendo em vista que haviam muitas discussões sobre quem, entre festeiros, padres e a sede da própria instituição, deveria ficar com seu lucro. Os moradores em geral apreciam o formato atual, com quermesse, missa e

jantar organizados pela própria instituição, embora sempre saudosos sobre as festas de seu tempo. A Festa do Bom Jesus permanece hoje, ainda que com roteiro modificado.

Dona Maria também cita suas lembranças sobre as festas na capela, ainda antes da reforma feita nos anos 1980:

A Igreja era pequenininha. Diferença para o tamanho da Igreja que está agora. Ficava nos terrenos dos tios da Ana. Pegaram aquela, desmancharam, e construíram essa nova. [...] Mas não era uma igreja muito bem formada, era uma casinha de tábua! Mas aquela igrejinha de tábua... nossa! Tinha todas as coisas, tinha leilão, tinha leitoa assada, mas era uma festa! A festa era muito forte. Tinha até correio elegante. [...] Nesses negócios de papelzinho de antigamente, nossa, eu pegava, namorava uns 15, 20! [...] Era linda, linda essa festa. [Depoente Maria Ferreira, Pilar do Sul/SP. 2021]

Notamos, dessa forma, que desde a fundação do bairro rural do Pombal, a religiosidade é marca-matriz essencial. É essa matriz que permeia o pensamento local, seus valores e traços essenciais. As atividades associadas a ela fortalecem as características do bairro, estruturando as permanências paisageiras que o permitem continuar a ser o que sempre foi, mesmo diante das modificações extremas causadas pelas infiltrações da modernidade urbana nos ambientes rurais. Hoje, embora não sejam todos os moradores que são envolvidos diretamente com a capela central do bairro, indiretamente, nas festividades, nas relações, é ela a marca que sintetiza as permanências paisageiras do Pombal, suas paisagens marcas-matrizes desveladas, através de nosso processo de pesquisa, entrevistas e reflexões.

4 Considerações finais: Identidade e (im)permanências paisageiras

Agora organizadas nossas experiências e reflexões, o que fica é o sentimento de um bairro que constantemente tensiona presenças e ausências — pois suas marcas exprimem matrizes que, muitas vezes, não são palpáveis. Elas se esticam por entre as coisas materiais e se afinam ao nível de penetrar os poros; permanecem, portanto, mas não se deixam ser vistas. Em alguns casos, se fazem como um assombro rulfiano as expressões de suas permanências paisageiras: “Esta vila está cheia de ecos. Parece até que estão trancados nos ocos das paredes ou debaixo das pedras¹.” (RULFO, 2020, p. 71). Se revelam, entretanto, ao deixar se manifestarem por si próprias, como buscamos fazer, desde o início, em nossa pesquisa.

À princípio, buscamos fazer deste trabalho uma experimentação que, ao mesmo tempo que visava experimentar a realidade mundana a partir de um escopo conceitual, só o faria para testar a realidade mundana presente no escopo conceitual. No entanto, percebemos em alguns momentos de nosso trilhar termos nos perdido diante daqueles mistérios, das histórias se desvelando e manifestando as marcas-matrizes do bairro do Pombal. Em várias oportunidades, hipóteses que estavam se formando eram derrubadas por novas experiências. Quando os caminhos pareciam se direcionar por vias de facilidade, em terreno comum, nos deparávamos com as encruzilhadas do real, que demonstravam cada vez mais que as pressuposições sobre o bairro não nos levariam a lugar algum: somente ele, por si mesmo, poderia se manifestar.

Nos pareceu viável em muitos momentos, por exemplo, assumir a ideia de que o bairro não era afetado pela modernidade em esfera alguma. Em outros, pareceu que suas características tradicionais não eram suficientes para aceitá-lo ainda como bairro rural no ano de 2021, tendo em vista que nos pareceu, em certa medida, que as tendências o encaminhavam para uma modernização completa. Contudo, foram as próprias experiências que nos esclareceram os caminhos: suas permanências paisageiras atuais são os traços fundantes do bairro, que jamais se dissiparam e continuam ativos, embora com modificações, como vimos em alguns casos. O bairro rural do Pombal possui uma característica de permanência adaptativa, e é isso que o preserva como tal. São as permanências paisageiras que identificam o bairro rural do Pombal, e fazem com que seus moradores continuem se identificando com ele.

Ficou evidente também que, se as tendências moderna e urbana presente no mundo contemporâneo provocam uma condição de degradação ambiental, devido a uma relação artificial e mediada para com a paisagem, o bairro rural do Pombal ainda caminha em direção oposta. Sua relação com a paisagem se manifesta a partir do pensamento paisageiro (*paysagère*), muitas vezes sem que esse implicasse um pensamento da paisagem. A

¹ “Este pueblo está lleno de ecos. Tal parece que estuvieran encerrados en el hueco de las paredes o debajo de las piedras.” (RULFO, 2020, p. 71). Tradução adaptada da versão referenciada.

relação mais direta e utilitária dos seus moradores para com suas paisagens faz com que a ligação homem-meio presente no bairro apresentasse uma cumplicidade respeitosa, uma relação que gera beleza, ainda que sem consciência da mesma, em muitos casos. Pressupõe uma noção de tempo distinta do restante do município de Pilar do Sul, que se revela por todos os sentidos: em seu ar inebriante e faltoso, seu som abafado e quase emudecido, seu cheiro que possui outras cores, mais refrescantes.

Essa relação se evidenciou em suas paisagens marcas-matrizes, desde as relações de parentesco, que permanecem se multiplicando a partir de constantes novos casamentos, parcerias comerciais e divisões de territórios, como pelas relações de vizinhança, que dinamizam as atividades do bairro por diversos sentidos, com interações acolhidas por suas marcas, e que expressam o sentimento fundante de solidariedade que o caracteriza. Também a percebemos através das relações com a terra e o trabalho, que expressam o caráter intrínseco da relação homem-meio por caminhos distintos do que se vê em outros universos, que não o do bairro rural. A relação de pertencimento com o bairro exprimiu, junto com a religiosidade e as festividades, as permanências paisageiras mais características, e que melhor delineiam os traços do bairro rural do Pombal. É a partir delas que o conceito de paisagem marca-matriz de Berque se apresentou de forma mais didática, solidificando a identidade do bairro como parte também da identidade de seus moradores.

O bairro rural do Pombal, desde o princípio, exalou a tensão de seus pares: seus dois rios, que lhe impunham os limites de princípio e fim; os dois caminhos, interno e externo, que lhe permitem ser acessado; as constantes sobreposições de tradicionalidades e modernidades; as presenças, cheias, que implicam as ausências, vazias. No entanto, se não se pode dizer que respostas definitivas foram ou serão atingidas, se teremos algum dia suas sínteses — já que a realidade é complexa, e dispõe de infinitas possibilidades para cada elemento em existência — percebemos que o bairro rural do Pombal se afirma por si só, assentado em suas dualidades, consonâncias e dissonâncias. Ele só o é a partir delas; em meio a elas, que o sustentam. Pois, para dispor novamente das genialidades de Guimarães Rosa, o parafraseamos para confirmar: a verdade do bairro rural do Pombal não está em sua entrada ou em sua saída. Ela se manifesta na travessia.

Entretanto, esperando termos contribuído para os estudos geográficos de paisagem, bairro rural e do bairro do Pombal em específico, afirmamos que nosso trilhar foi apenas um dos vários caminhos possíveis que poderiam e devem ser feitos sobre ele. Há campo para ser aprofundado sobre o bairro rural do Pombal, e esperamos que este trabalho possa ter direcionado também algumas novas possibilidades para o futuro.

Referências Bibliográficas

- ABREU, R. L. **Localização de Pilar do Sul**. 22 de agosto 2006. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Pilar_do_Sul#/media/File:SaoPaulo_Municip_PilardoSul.svg >. Acesso em 06 outubro 2021.
- ALPERS, Svetlana. **A arte de descrever: A Arte Holandesa no Século XVII**. São Paulo: Edusp, 1999.
- ALVES, Teresa. **Paisagem – em busca do lugar perdido**. Finisterra. v.36, n.72, 2001, p.67-74.
- BERNARD, Emile. **Conversation avec Cézanne**. Séguier Editions, 1995.
- BERQUE, Augustin. **Paisagem-marca, paisagem-matriz**: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p.84-91.
- BERQUE, Augustin. **Médiance de milieux em paysages**. Paris: Belin, 2000.
- BERQUE, Augustin. **La forclusion du travail médial**. L'Espace géographique, vol. 34, no. 1, 2005, p. 81-90.
- BERQUE, Augustin. **O pensamento paisageiro**: uma aproximação mesológica. In: SERRÃO, Adriana Veríssimo. Filosofia da paisagem. Uma antologia. Lisboa, Portugal: Vniversitas, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011, p.200- 212.
- BERQUE, Augustin. **Thinking through landscape**. Routledge, 2013.
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BOMBARDI, Larissa Mies. **O bairro rural como identidade territorial**: a especificidade da abordagem do campesinato na geografia. Revista Agrária, São Paulo: USP/Laboratório de Geografia Agrária da FFLCH, n. 01, p. 55-95, 2004.
- CANDIDO. Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**. 10^ª ed. rev. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2003.
- DAL GALLO, Priscila Marchiori. **A influência do pensamento oriental na geografia de Augustin Berque**: a filosofia de Watsuji Tetsurô. Geograficidade, Niterói, RJ, v.4, n.2, p.32-47, 2014.
- DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. (trad. Werther Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FELIX, Sandra Regina. **Pilar do Sul**: nascente das águas. São Paulo: Noorha, América, 2005.
- FERNANDES, Liliana Laganá. **Bairros rurais do município de Limeira**. São Paulo, 1972. Tese (Doutorado em Geografia). Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- FRIEDRICH, Caspar David. **Caminhante Sobre o Mar de Névoa**, 1818, óleo sobre tela, 98,4 x 74,8 cm, Kunsthalle, Hamburgo, Alemanha.

- HALLEY, Bruno Maia. **Bairro rural/bairro urbano**: uma revisão conceitual. GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 577-593, 2014.
- HOLZER, Werther. **Memórias de viajantes**: paisagens e lugares de um novo mundo. GEOgraphia, ano II, n.3, p.111-123, 2000.
- HOLZER, Werther. **Augustin Berque**: um trajeto pela paisagem. Espaço e cultura, UERJ, Rio de Janeiro, RJ, n.17-18, p.55-63, 2004.
- HUSSERL, E. **A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental**: uma introdução à filosofia fenomenológica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **Pilar do Sul**, 2021. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/pilar-do-sul/panorama>>. Acesso em: 5 ago. 2021.
- JÚNIOR, Alfredo Ellis. **O ciclo do luar**. Revista de História, v. 1, n. 1, p. 73-81, 1950.
- KERN, Maria Lúcia Bastos. **História e Arte**: as invenções da paisagem. Anais. XXVI Simpósio Nacional de História, ANPUH, São Paulo, 2011.
- MARANDOLA, Hugo Leonardo. **Marcas-matrizes na paisagem do bairro rural Elihu Root**: um trilhar humanista. 2017. 108 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2017.
- MARANDOLA JR., Eduardo. **Habitar em risco**: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. São Paulo: Blucher, 2014
- MARANDOLA JR., Eduardo. **Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento**. Geosul, v. 25, n. 49, p. 7-26, 2010.
- MARIA, Yanci Ladeira. **Paisagem: entre o sensível e o factual**: uma abordagem a partir da geografia cultural. Dissertação (mestrado). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2010.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **A dúvida de Cézanne**. O olho e o espírito, p. 121-160, 1980.
- MILANI, Raffaele. **Aesthetics of the Italian Landscape**. , v. 24, n. 3., 2019
- MOREIRA, Erika Vanessa. **A ruralidade e a multifuncionalidade nos espaços rurais de Piedade e Pilar do Sul-SP**. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2012.
- RULFO, Juan. **Pedro Páramo** (1955). José Olympio, 2020.
- SCHACHTER, Bony Braga. **Forma e movimento**: a teoria da pintura de paisagem na China, 229-589. Concinnitas, v.2, n.19, p.1-20, 2011.
- SOUZA, Paulo César de; HESPANHOL, Antonio Nivaldo. **Bairros rurais no oeste paulista**: da resistência simbólica às perspectivas de inserção no novo rural brasileiro. Geonordeste, ano XXI, n.1, p.67-92, 2010.
- VERMEER, Johannes. **A Arte da Pintura**, 1666, óleo sobre tela, 130 × 110, Kunsthistorisches Museum, Viena, Áustria.
- WINCHESTER, Hilary P.M. **Qualitative research and its place in Human Geography**. In: HAY, Ian. (ed.) Qualitative research methods in Human Geography. 2ed. Melbourne: Oxford University Press, 2005. p.03-18.

WRIGHT, John K. ***Terrae incognitae***: the place of the imagination in Geography. Annals of the Association of American Geographers, v.37, p.01-15, 1947.